



COMECE A NAVEGAR



CATÁLOGO DE DIVULGAÇÃO

Experiências

de Cuidado Integral à População
em Situação de Rua

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

 **FIOCRUZ**

SUS  **35**
ANOS

MINISTÉRIO DA
SAÚDE

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO



Realização

Trilhas de Cuidado nas Ruas
Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca (ENSP/Fiocruz)
Fiocruz Brasília
Instituto de Pesquisa Econômica e Aplicada (IPEA)

Trilhas de Cuidado nas Ruas

Coordenação Geral

Elyne Engstrom

Equipe

Alda Lacerda
Alessandra Mattos
Alisia Lopes
Daniela Barbosa
Denise Paiva
Gilney Santos
Igor Cruz
Joana Mostafá
Letícia Lourenço
Marcelo Pedra
Marco Natalino
Mirna Teixeira
Pamella Oliveira
Stella Santos

Organização

Alisia Lopes
Mirna Teixeira

Revisão

Letícia Lourenço

Design Instrucional

Igor Cruz



LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PSR	População em Situação de Rua
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
HIV	Vírus da imunodeficiência humana
Centro Pop	Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua
CAPS	Centro de Atenção Psicossocial
CAPS AD	Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas
CNAR	Consultório na Rua
SUS	Sistema Único de Saúde
TDO	Tratamento Diretamente Observado
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
UAA	Unidade de Acolhimento Adulto
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
SMS	Secretaria Municipal de Saúde
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
FAPERJ	Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COVID-19	Doença por coronavírus 2019
CAD Único	Cadastro Único

ONG	Organização Não Governamental
CIPOP	Centro de Atendimento Integrado às Pessoas em Situação de Rua
RG	Registro Geral
OSC	Organização da Sociedade Civil
SISA	Sistema de Informação do Atendimento aos Usuários
SISRUA	Sistema de Informação da Situação de Rua
SMADS	Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social
NUPOP	Núcleo de Populações em Situações de Vulnerabilidade e Saúde Mental na Atenção Básica
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
SEFRAS	Serviço Franciscano de Solidariedade
PICs	Práticas Integrativas e Complementares
PBPD	Plataforma Brasileira de Política de Drogas
SAMU	Serviço de Atendimento Móvel de Urgência
Fiocruz	Fundação Oswaldo Cruz
UnICEUB	Centro Universitário de Brasília
UDF	Centro Universitário do Distrito Federal

ESCOLHA O MÓDULO

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

 **FIOCRUZ**

SUS  35 ANOS
MINISTÉRIO DA
SAÚDE

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO

◀ VOLTAR AO INÍCIO

Apresentação

O que você
vai encontrar?

Experiências

Considerações
finais

Como coletamos
as informações

APRESENTAÇÃO

O “Catálogo de Divulgação de Experiências de Cuidado Integral à População em Situação de Rua” visa conhecer, sistematizar e dar visibilidade às experiências, projetos e práticas de cuidado em saúde e de articulação intersetorial voltadas à População em Situação de Rua (PSR), desenvolvidas em território nacional, com o propósito de subsidiar o fortalecimento das redes de cuidado e a formulação de políticas públicas equitativas.

Pelo olhar do Coletivo Trilhas de Cuidado nas Ruas, esta publicação não é apenas uma compilação de valiosas experiências. Trata-se de um marco estratégico, um produto tangível que materializa e impulsiona diretamente os objetivos delineados em nosso Plano de Ação. Sua concepção e lançamento estão profundamente conectados aos nossos Objetivos Estratégicos 1 e 3.

Este catálogo é uma ferramenta potente para o Objetivo Estratégico 1, que busca “Desenvolver redes colaborativas com articulação de diferentes atores”. Ao reunirmos e divulgarmos as diversas experiências, projetos e práticas de cuidado integral à PSR, criamos um panorama amplo das instituições e dos atores que já atuam ativamente nessa frente. A simples existência do catálogo fomenta redes de cooperação com outros atores; desse modo, ele não é apenas um registro, mas um convite à ação conjunta, pavimentando o caminho para uma articulação interinstitucional mais robusta e eficaz, essencial para o avanço das políticas públicas destinadas à PSR.

Além disso, esta publicação se alinha ao Objetivo Estratégico 3, “Construir estratégias de informação, educação e comunicação para difusão do conhecimento”. O catálogo foi concebido como um produto central para disseminar o saber acumulado e as boas práticas no cuidado à PSR, transformando-se em um recurso estratégico para diversos fins educacionais e comunicacionais. Compila, de forma organizada e acessível, uma vasta gama de conhecimentos sobre o cuidado à PSR, servindo como base para o desenvolvimento de novas práticas e para o fortalecimento das existentes.

O conteúdo deste catálogo também é um insumo importante para o espaço virtual que estamos desenvolvendo no âmbito do Coletivo Trilhas de Cuidado nas Ruas. As informações aqui presentes alimentarão esse site, tornando-o um espaço dinâmico e interativo sobre o tema. Além disso, as histórias e os dados do catálogo são fundamentais para a produção de materiais de comunicação do coletivo — vídeos, boletins digitais, mapas interativos e outros materiais técnicos —, permitindo-nos criar conteúdos voltados para um público amplo.

Ao sistematizar e apresentar essas experiências, esta publicação serve como um rico banco de dados para pesquisas sobre estratégias de cuidado para a PSR, inspirando novas investigações e contribuindo para futuras publicações coletivas. A análise das metodologias de levantamento de informações, conforme descrito no catálogo, pode inclusive aprimorar as pesquisas sobre estratégias de cuidado desenvolvidas pelo coletivo.

O Coletivo Trilhas de Cuidado nas Ruas acredita firmemente que a visibilidade e a acessibilidade a essas experiências são passos importantes para capacitar profissionais, inspirar gestores e sensibilizar a sociedade sobre a complexidade e a riqueza do cuidado à População em Situação de Rua. Esta publicação é, portanto, uma manifestação viva de nosso compromisso com a difusão de um conhecimento que transforma.

Boa leitura!

O QUE VOCÊ VAI ENCONTRAR

Gostaríamos que você pensasse este catálogo como um tesouro de histórias e iniciativas que estão acontecendo pelo Brasil afora para cuidar das pessoas em situação de rua. A ideia principal desta publicação é conhecer, organizar e dar visibilidade a todas essas experiências, projetos e práticas de cuidado em saúde, sem esquecer das parcerias entre diferentes setores.

E para que tudo isso? Para fortalecer as redes de ajuda que já existem e, claro, contribuir para a criação de políticas públicas mais justas e eficientes. É como se ele dissesse: “Vem ver o que está funcionando para a gente fazer mais e melhor!”

Mas não para por aí! O catálogo tem objetivos específicos, que funcionam como um passo a passo para alcançar esse propósito maior. O primeiro deles é identificar e mapear iniciativas que oferecem um cuidado integral, tanto na saúde quanto em articulação com outras áreas. Ele também busca aprimorar a divulgação dessas experiências, mostrando o valor que elas têm. Além disso, serve para organizar e apresentar essas práticas de um jeito que facilite a compreensão de como elas funcionam e quais resultados positivos trazem.

Outro ponto interessante é que o catálogo quer estimular a troca de saberes e a replicação de práticas que deram certo. É como dizer: “Se funcionou lá, pode funcionar aqui também. Vamos aprender juntos!” Com isso, busca fortalecer a rede de cuidado e ampliar as parcerias entre os setores para atender melhor essa população. Por fim, pretende ser uma fonte de informações técnicas e práticas, contribuindo para criar, implementar e aperfeiçoar políticas públicas, garantindo os direitos e a saúde de todos.

Para facilitar a leitura e ajudar você a encontrar o que mais interessa, o catálogo foi estruturado em cinco seções temáticas:

- Saúde Integral
- Proteção Social
- Educação e Qualificação
- Moradia
- Intersetorialidade e Redes

Além disso, a publicação traz um componente muito especial: o espaço “Refletindo sobre a experiência”, no qual o Coletivo Trilhas de Cuidado nas Ruas realiza uma análise sistemática de cada experiência e iniciativa. Essa reflexão se mostra fundamental para entender os sucessos alcançados e os desafios enfrentados, promovendo um aprofundamento do aprendizado. Assim, é possível refinar estratégias, adaptar abordagens às necessidades emergentes e assegurar a evolução e a eficácia das intervenções, especialmente em contextos tão dinâmicos e sensíveis.

Na seção “Saúde Integral”, você encontra tudo sobre ações e serviços de saúde: desde os Consultórios na Rua e equipes de saúde, até iniciativas de prevenção, promoção e reabilitação ofertadas pelo SUS. O conteúdo também destaca a importância da saúde mental, do apoio psicossocial e das estratégias de redução de danos, fundamentais para o cuidado integral das pessoas em situação de rua.

A seção “Proteção Social” aborda os serviços de assistência social — como CRAS e CREAS —, além de programas de transferência de renda, acesso à alimentação e higiene, abordagens de rua, centros de acolhimento e abrigos, e até orientações sobre aquisição de documentos. Ou seja, tudo que oferece suporte básico e segurança.

Já a seção “Educação e Qualificação” tem foco no conhecimento e nas oportunidades. Apresenta iniciativas de alfabetização e escolarização, cursos de qualificação profissional e ações que ajudam a inserir a PSR no mercado de trabalho. Porque educação transforma vidas!

A seção “Moradia” aborda programas essenciais para a segurança e estabilidade da PSR, como o aluguel social, moradia social, repúblicas e residências terapêuticas. Afinal, ter um teto é o primeiro passo para reconstruir a vida — como diz o conceito “Housing First” (moradia primeiro).

Por fim, a seção “Intersetorialidade e Redes” mostra como tudo se conecta. Aqui estão reunidos os projetos que envolvem diferentes áreas, como saúde, assistência social, educação e geração de renda, além dos conselhos, fóruns de participação social e das parcerias com a sociedade civil. É a força da união em ação!

O mais especial deste catálogo é como cada experiência foi contada. Não se trata apenas de uma lista de projetos, mas de uma publicação rica em detalhes — uma verdadeira ferramenta para inspirar, mostrar que é possível fazer a diferença e construir um futuro melhor para essa população. É um convite para se aprofundar, refletir e, quem sabe, se inspirar para criar algo novo!

ORGANIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS POR TEMÁTICAS



Saúde Integral

- Consultórios na rua e equipes de saúde.
- Ações de prevenção e tratamento de doenças.
- Saúde mental e apoio psicossocial.
- Redução de danos.



Proteção Social

- Serviços de assistência social e CRAS/CREAS.
- Programas de transferência de renda.
- Acesso à alimentação e higiene.
- Práticas de abordagem de rua.
- Centros de acolhimento e abrigos.
- Serviços de identificação e documentação.



Educação e Qualificação

- Iniciativas de alfabetização e escolarização.
- Cursos de qualificação profissional.
- Apoio à inserção no mercado de trabalho.



Moradia

- Serviços de assistência social e CRAS/CREAS.
- Programas de transferência de renda.
- Acesso à alimentação e higiene.
- Práticas de abordagem de rua.
- Centros de acolhimento e abrigos.
- Serviços de identificação e documentação.



Intersetorialidade e Redes

- Projetos que articulam diferentes setores (saúde, assistência social, educação etc.).
- Conselhos e fóruns de participação social.
- Parcerias com organizações da sociedade civil e universidades.

Educação Continuada da Saúde da PSR



Saúde Integral

Localização:

Nova Iguaçu. Município do estado do Rio de Janeiro

Instituição Responsável:

Secretaria Municipal de Saúde de Nova Iguaçu.

Dispositivo do Consultório na Rua

Tipo de experiência: Público.

Público-Alvo: Pessoas em situação de rua de Nova Iguaçu.

Tipo de experiência: Público.

Objetivos: a experiência do Consultório na Rua visa:

- Garantir acesso a cuidados médicos e psicossociais para a PSR;
- Promover a saúde integral, considerando as múltiplas dimensões do bem-estar da PSR, como saúde física, mental e social;
- Estimular a participação ativa da PSR em sua própria saúde, com estratégias que envolvem o protagonismo e a escuta qualificada;
- Aumentar a adesão aos cuidados de saúde, reduzindo barreiras como o medo, a desconfiança e a falta de informação;

Atividades desenvolvidas: A equipe de Consultório na rua desenvolve diversas atividades como palestras educativas sobre temas relevantes para a saúde da população em situação de rua. Essas palestras abordaram temas como cuidados com a saúde mental, prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (IST's), cuidados com a higiene, prevenção de doenças respiratórias e cuidados com o uso de substâncias psicoativas. As palestras são conduzidas de forma simples e acessível, com a participação ativa dos usuários, estimulando perguntas e reflexões.

Rodas de conversa: As rodas de conversa foram uma das principais ferramentas utilizadas pelo Consultório na Rua para promover a inclusão e a troca de experiências. Nessas rodas, as pessoas em situação de rua tiveram a oportunidade de compartilhar suas vivências, suas dificuldades e suas expectativas em relação aos serviços de saúde. Além disso, essas rodas também serviram como um espaço de sensibilização, onde foram discutidos temas como os direitos da população em situação de rua, o acesso aos serviços públicos de saúde e o fortalecimento de vínculos comunitários.

Ações lúdicas e participativas: Visando garantir a adesão da PSR às ações de saúde, o Consultório na Rua desenvolveu atividades lúdicas, como jogos educativos, palestras e participação. Essas atividades não só promoveram o cuidado com a saúde, mas também estimularam o fortalecimento da autoestima e o empoderamento da população em situação de rua.

Campanhas de prevenção: O Consultório na Rua também realizou campanhas de prevenção e promoção da saúde. Entre ações para a vacinação, orientações sobre doenças prevalentes (como tuberculose e HIV/AIDS), e ações de conscientização sobre a hipertensão, hepatite, combate ao tabagismo, prevenção ao câncer de mama e câncer de próstata. Destaca-se as ações realizadas com temática da Tuberculose, onde são feitas coletas TRM- Testagem Rápida Molecular, imediatamente à suspeita. Em parceria com a Secretaria de Saúde do Estado do Rio de Janeiro, que viabiliza um MOTOBÓY para retirada da coleta e entrega dos resultados em até 24h, o que viabiliza o início imediato do acompanhamento.

Resultados alcançados: É cabível afirmar que este projeto desenvolvido pelo CnaR obteve impactos significativos na saúde e no bem-estar da população em situação de rua. Entre os principais resultados observados, destacam-se:

- Maior acesso aos serviços de saúde: A PSR demonstrou maior adesão aos serviços de saúde, com um aumento no número de atendimentos realizados pelo Consultório na Rua e encaminhamentos para unidades de saúde.
- Fortalecimento de vínculos: Através das rodas de conversa e das ações participativas, foi possível fortalecer os vínculos entre os profissionais de saúde e a população atendida, o que resultou em maior confiança no serviço e maior disposição para participar das ações. Como também, o reingresso ao lar de alguns usuários.
- Temos uma base de 120 pessoas atendidas, cerca de 8 instituições envolvidas na ação, 16 pessoas acolhidas e regressas à habitação, contando hoje com 10 pessoas envolvidas diretamente na ação.

Desafios encontrados e lições aprendidas: Nosso maior desafio encontra-se no suporte material para o desenvolvimento das ações, tais como espaço adequado, cobertura, cadeiras e outros serviços que poderiam ser ofertados.

Refletindo sobre a experiência: essa experiência é um exemplo de como a persistência e a adaptação podem gerar resultados significativos no acesso à saúde de uma população tão vulnerável. Um dos pontos de destaque é a abordagem multifacetada e humanizada que vai além da simples oferta de serviços. Ao promover palestras educativas com linguagem acessível, rodas de conversa que se tornam espaços de escuta e acolhimento, e atividades lúdicas, a equipe demonstra uma compreensão profunda das barreiras que impedem a PSR de acessar o cuidado. Não é apenas sobre informar, mas sobre construir pontes de confiança e empoderamento. O estímulo à participação ativa dos usuários, permitindo que compartilhem vivências e discutam seus direitos, é um pilar fundamental para fortalecer vínculos e reduzir a desconfiança histórica com os serviços. a experiência de Nova Iguaçu nos ensina que a educação em saúde, quando aliada à escuta ativa, à construção de vínculos e a parcerias estratégicas, é uma ferramenta poderosa não só para promover a saúde da PSR, mas também para catalisar transformações sociais e reafirmar a dignidade dessas pessoas. É um farol que ilumina o caminho para a construção de um cuidado verdadeiramente integral e inclusivo.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Papo Cabeça - Promovendo cuidado humanizado e autonomia para pessoas em situação de rua



Saúde Integral

Localização:

Porto Alegre. Município do estado do Rio Grande do Sul.

Instituição Responsável:

Secretaria Municipal de Saúde de Nova Iguaçu.

Dispositivo Consultório na Rua Ilha do Pavão.

Secretaria Municipal de Assistência Social de Porto Alegre.

Dispositivo Centro Pop 1.

Tipo de experiência: Público.

Público-Alvo: Pessoas em situação de rua do município de Porto Alegre.

Objetivos: Cuidar da saúde mental e do bem-estar de pessoas em situação de rua por meio de rodas de conversa acolhedoras e inclusivas, fortalecendo a atenção básica e incentivando práticas de redução de danos. Essas rodas oferecem um espaço seguro para discutir temas como depressão, redução de danos, arte e racismo, ao mesmo tempo em que fortalecem os vínculos entre os participantes e os profissionais do Consultório na Rua, promovendo um cuidado compartilhado. A iniciativa busca reduzir encaminhamentos desnecessários para serviços especializados, integrando melhor a atenção primária e a saúde mental, ao mesmo tempo em que estimula a autonomia e a expressão pessoal dos participantes, promovendo inclusão e visibilidade às suas necessidades. Além disso, pretende criar uma rede de cuidado intersetorial e interdisciplinar que possa ser replicada em outros serviços e contextos de saúde.

Atividades desenvolvidas: A Cada encontro aborda temas como depressão, redução de danos, arte e racismo, utilizando metodologias participativas e dialógicas que valorizam a autonomia e a troca de saberes. O planejamento é colaborativo, definindo temas e dinâmicas junto aos usuários e profissionais para atender às necessidades do grupo. Uma dinâmica central é a caixa de perguntas, em que os participantes retiram questões sobre cotidiano, uso de substâncias, conflitos familiares e acesso a serviços, debatendo-as coletivamente com mediação dos técnicos. Vídeos curtos também são usados para provocar reflexões e conectar os temas às vivências dos participantes. A metodologia garante que todos tenham espaço para falar, promovendo escuta ativa, acolhimento e construção de vínculos de confiança. Integra saberes técnicos e experiências pessoais, transformando vulnerabilidades em potências coletivas. Após cada roda, reuniões de avaliação com usuários e profissionais permitem ajustes e melhorias, tornando a prática flexível e replicável em outros contextos. O objetivo é fortalecer a integração entre assistência social e saúde, promovendo um cuidado humanizado, inclusivo e centrado nas pessoas.

Resultados alcançados: Os efeitos do Papo Cabeça podem ser analisados em três dimensões principais. Na dimensão individual, observou-se maior capacidade de reflexão sobre os próprios problemas e recursos disponíveis. Na dimensão relacional, destacou-se o fortalecimento dos vínculos entre usuários e equipe. Esse resultado dialoga com a noção de “desinstitucionalização do olhar” proposta por Amarante (2007), que enfatiza a importância de relações horizontais no cuidado em saúde mental. Já na dimensão institucional, a experiência contribuiu para maior integração entre os serviços da rede. Esse aspecto é particularmente relevante considerando os desafios históricos da articulação intersetorial no SUS. A iniciativa traz consigo uma potência que vai além do plano teórico, materializando-se na criação de contextos diversos de práticas profissionais em Porto Alegre, onde se estabelece uma articulação entre serviços de assistência social (Centro Pop), saúde geral e saúde

mental (CAPS), configurando uma rede de cuidado genuinamente intersetorial, multiprofissional e interdisciplinar.

Desafios encontrados: O trabalho na saúde como psicólogo enfrenta o paradoxo constante de ter sua atuação baseada em diretrizes humanizadas de redução de danos e ao mesmo tempo operar dentro de um aparelho de estado e sua rede de serviços cada vez mais amparada em lógicas conservadoras, repressivas, centradas na abstinência e higienistas.

Lições aprendidas: A experiência amplia as práticas psicológicas ao levar o acesso à saúde mental para pessoas em situação de rua, reconhecendo suas necessidades específicas e promovendo visibilidade social. A abordagem integrada substitui modelos patologizantes por uma compreensão mais ampla do sofrimento psíquico, cria espaços de atuação profissional flexíveis, inclui atores sociais historicamente excluídos e valoriza metodologias participativas que dão voz aos usuários. Observa-se fortalecimento dos vínculos entre profissionais e participantes, estímulo à expressão pessoal e à narrativa, além de estratégias eficazes na atenção básica em saúde. Os desafios incluem a sustentabilidade da ação e a ampliação do acesso, e para o futuro propõe-se integrar movimentos de luta por moradia, usuários e órgãos como a Defensoria Pública e o Conselho de Direitos Humanos, fortalecendo a saúde mental de forma integral e inclusiva.

Contato: Leonardo de Oliveira e Cecília Richter, leonardodeoliveira.o2@gmail.com

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Refletindo sobre a experiência: A experiência destaca-se como um farol de inovação e humanidade no campo da saúde mental para a PSR. Ela vai muito além da oferta de serviços, criando um espaço de genuína promoção de saúde e autonomia. Um dos pontos de destaque é a metodologia profundamente participativa e dialógica. A “caixa de perguntas” e a exibição de vídeos como disparadores para discussões sobre temas complexos como depressão, redução de danos, arte e racismo, revelam uma compreensão apurada das necessidades e da riqueza das vivências da PSR. A decisão de planejar os encontros colaborativamente com os próprios usuários é um testemunho da ética da autonomia e da práxis anticolonial que norteia o projeto, reconhecendo o saber popular como parte integrante do processo de cuidado.

Isso é fundamental para a construção de um cuidado que realmente faça sentido para quem o recebe. O “Papo Cabeça” é um excelente exemplo de como a Atenção Primária pode (e deve) ser o ponto central do cuidado em saúde mental. Ao fortalecer vínculos entre usuários e profissionais e promover a corresponsabilidade, a experiência consegue reduzir encaminhamentos desnecessários para serviços especializados, desburocratizando e humanizando o acesso. A valorização da circulação da palavra, da escuta qualificada e do acolhimento cria um ambiente seguro para a expressão das vivências e necessidades, transformando vulnerabilidades em potências coletivas, como brilhantemente mencionado na descrição. No entanto, a experiência de Porto Alegre nos confronta com um desafio persistente e paradoxal: a colisão entre a ética humanizada da redução de danos e as lógicas conservadoras e higienistas que ainda permeiam partes do aparelho de estado. Esse “paradoxo constante” não é apenas um obstáculo, mas também um convite à resistência e à reafirmação dos princípios de equidade e dignidade no cuidado. A coragem de operar e inovar dentro dessas tensões é uma lição poderosa.

Juntos na Rua



Saúde Integral

Localização:

Porto Alegre. Município do estado do Rio Grande do Sul.

Instituição Responsável:

Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre

- *Dispositivo de Consultório na Rua*
- *Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas*
- *Redutores de Danos*

Secretaria Municipal de Assistência Social de Porto Alegre

- *Abordagem Social*

Público-Alvo: Pessoas em situação de rua do município de Porto Alegre.

Tipo de experiência: Público.

Objetivos: Busca alcançar o cuidado compartilhado, a ampliação do acesso aos diversos serviços da Rede Intersetorial, o compartilhamento de responsabilidades entre serviços que atendem o mesmo público.

Atividades desenvolvidas: Divisão de micro equipes, por representação de serviços, para mapear e acompanhar pessoas em situação de rua nos territórios. As atividades são destinadas a indivíduos e também aos grupos. As aproximações, que cada equipe faria a partir do seu fazer, são realizadas no compartilhamento entre equipes: CAPS AD ou para transtornos, Abordagem Social, Consultórios na Rua e redutores de danos.

Resultados alcançados: Os resultados podem ser vistos na facilitação da comunicação e do conhecimento das equipes sobre os casos, nas discussões sobre os casos e seus encaminhamentos. Há avanços significativos na qualidade do processo de cuidado longitudinal, desde que essas equipes começaram a atuar. Não há ainda dados compilados, mas, há um processo inicial de sistematizar a metodologia e iniciar o registro quali e quantitativo dos dados, assim como, instituir a experiência como inovação e estratégia potente de cuidado.

Desafios Encontrados: As dificuldades encontradas são comuns às interlocuções e concepções diferentes de cada equipe, sobre as situações encontradas, necessitando de forma permanente que possam ter supervisão, apoio institucional e espaços permanentes para pensar o processo de trabalho compartilhado.

Lições Aprendidas: A experiência tem se demonstrado muito potente, inclusive, no avanço com casos mais complexos em relação aos agravos em saúde mental e outros agravos.

Contato: Prefeitura de Porto Alegre / saudepoprua@portoalegre.rs.gov.br

INFORMAÇÃO: A ação já foi mais bem sucedida contudo, com a política municipal de sucateamento dos serviços pela atual gestão, a qualidade no atendimento integral a PSR caiu vertiginosamente, impossibilitando uma real execução interdisciplinar no que tange a relação entre assistência, saúde clínica e mental.

Refletindo sobre a experiência: A experiência “Juntos na Rua” é um poderoso testemunho da busca por um cuidado verdadeiramente compartilhado e intersetorial para a PSR. É um farol de como a integração e o compartilhamento de responsabilidades podem elevar a qualidade do cuidado à PSR, especialmente em casos de maior complexidade. Ela ilustra a complexidade e a potência de tecer uma rede de apoio que transcende as fronteiras institucionais. O ponto forte desta iniciativa reside na sua própria concepção: o cuidado compartilhado e a ampliação do acesso a diversos serviços da rede intersetorial. A divisão em microequipes compostas por representantes de diferentes serviços (Consultórios na Rua, Abordagem Social, CAPS AD e Redutores de Danos) para mapear e acompanhar indivíduos e grupos é uma estratégia inovadora. Essa “aproximação” conjunta, onde as equipes unem seus saberes e fazeres específicos, é o cerne de um atendimento integral e longitudinal. É a materialização de uma corresponsabilidade que rompe com a fragmentação dos serviços, tão comum no atendimento a essa população. A capacidade de avançar com casos mais complexos, especialmente aqueles relacionados a agravos em saúde mental, ressalta a potência do trabalho colaborativo e integrado. A proposta de sistematizar a metodologia e instituir a experiência como uma inovação é um passo crucial para sua replica-

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

ção e reconhecimento. No entanto, a experiência também escancara desafios persistentes na gestão de equipes interprofissionais: as “concepções diferentes de cada equipe sobre as situações encontradas”. Isso reforça a lição de que o trabalho compartilhado exige espaços permanentes para supervisão, apoio institucional e reflexão conjunta sobre o processo de trabalho. A intersectorialidade não se faz apenas com a vontade de cada um, mas com estruturas e processos que garantam a convergência de olhares e a superação das divergências. Contudo, ela também serve como um poderoso lembrete da necessidade urgente de políticas públicas robustas e perenes que garantam a sustentabilidade e a expansão dessas práticas de excelência, protegendo-as das discontinuidades gerenciais e ideológicas. É um apelo à valorização do que funciona e à garantia de que o cuidado integral seja um direito assegurado.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

POP Samba



Saúde Integral

Localização:

Rio de Janeiro. Município do estado do Rio de Janeiro

Instituição Responsável:

Secretaria Municipal de Saúde do Município do Rio de Janeiro

- *Dispositivo de Consultório na Rua*

Secretaria Municipal de Assistência Social do Município do Rio de Janeiro

- *Centro de Referência Especializado de Assistência Social*

Público-Alvo: Pessoas em situação de rua do município do Rio de Janeiro

Tipo de experiência: Público.

Objetivos: Cuidar da saúde da população em situações de rua a partir da música como principal forma de vínculo.

Atividades desenvolvidas: Vacinação, emissão de documentos, distribuição de lanche, preservativos, kits de higiene, doação de roupas, acolhimento e atendimento em saúde mental, cadastramento dos usuários, encaminhamento para os serviços de referência quando necessário, promoção da saúde por meio de debate de temas em saúde, redução de danos, acesso ao lazer e cultura por meio da roda de samba feita junto com a população em situação de rua, mudança do estigma da população em situação de rua no bairro por atrair aproximação dos transeuntes do bairro.

Resultados alcançados: Notamos que usuários passaram a acessar mais o CAPS AD Heleno de Freitas, estreitamento do vínculo com os profissionais e confiança, usuários passaram a esperar e perguntar pela roda de samba. A garantia da continuidade do trabalho com agenda fixa mensal de tantos serviços foi considerada um ganho diante das dificuldades encontradas de inúmeras demandas de cada serviço. A discussão dos casos em reunião mensal sobre população em situação de rua em outro dia do mês é um ganho para seguirmos articulando e compartilhando o trabalho e cuidado dos casos. Também foi positivo notar que os CAPS se esvaziam quando a equipe se empenha de acompanhar os usuários nesta ação territorial.

Desafios Encontrados: Condições meteorológicas pois na rua as vezes chove e não temos tenda. Neste caso fazemos dentro do CREAS. esvaziamento de usuários na ação, burocracias para manter vacinação, compreensão dos profissionais sobre a ação por não entenderem que cultura também é cuidado em saúde. Falta de materiais para ação como compra de equipamentos de som, mais instrumentos, disponibilidade de agenda de carro de cada serviço para chegar no horário da ação e com usuários dos CAPS junto.

Lições Aprendidas: O que melhora a ação é uma reunião antes para poder organizar como será no dia, caso contrário notamos maior dificuldade e esvaziamento da ação tanto de profissionais quanto de usuários.

Contato: lusamo@gmail.com

Rede social: [@popsambam](https://www.instagram.com/popsambam)

Refletindo sobre a experiência: A experiência “POP Samba” do Rio de Janeiro é um brilho à parte na forma como aborda o cuidado à População em Situação de Rua (PSR). Ela nos mostra que, às vezes, a chave para acessar o cuidado não está em mais uma sala de espera, mas sim no ritmo envolvente de uma roda de samba! O “POP Samba” é um modelo inspirador de como a arte e a cultura podem ser ferramentas poderosas para a promoção da saúde e o fortalecimento de vínculos com a PSR. Ele nos convida a pensar fora da caixa, a valorizar o lazer e a socialização como partes integrantes do cuidado, e a desafiar os paradigmas existentes sobre o que significa “cuidar” e “ser cuidado”. É a prova de que um samba pode, sim, curar e integrar! O grande diferencial aqui é a música como principal forma de vínculo. É genial! Ao invés de uma abordagem puramente clínica ou assistencial de primeira, o POP Samba usa a cultura e o lazer como porta de entrada. Essa estratégia é fundamental para quebrar o gelo, a desconfiança e o estigma que muitas vezes cercam a PSR.

A priorização da saúde de homens negros jovens, um grupo frequentemente invisibilizado, também é um ponto super relevante. O aumento do acesso ao CAPS AD Heleno de Freitas, o estreitamento do vínculo e da confiança com os profissionais, e o fato dos usuários passarem a “esperar e perguntar pela roda de samba” são indicadores poderosos de que a metodologia funciona. A garantia de uma agenda fixa mensal e a discussão de casos em reuniões mensais entre os serviços do SUS/SUAS são ganhos que demonstram um amadurecimento e uma organização no cuidado compartilhado. Há um desafio que merece destaque: a “compreensão dos profissionais sobre a ação por não entenderem que cultura também é cuidado em saúde”. Isso aponta para a necessidade de desconstruir o modelo biomédico tradicional e de promover uma formação continuada que amplie o conceito de saúde para além da doença, incluindo a dimensão social, cultural e de bem-estar.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Café Social



Saúde Integral

Localização:

Rio de Janeiro, município do estado do Rio de Janeiro

Instituição Responsável:

Secretaria Municipal de Saúde do Município do Rio de Janeiro

- *Dispositivo do Consultório na Rua da CAP 5.1*

Público-Alvo: Pessoas em situação de rua

Tipo de experiência: Público.

Objetivos: Práticas de Redução de Danos voltada a construção de vínculos com os usuários em cena de uso na região de Padre Miguel, que através do Café psicossocial é possível ofertar cuidado em saúde, como testes rápidos e tratamento das IST's, Tuberculose, Saúde Mental, Uso e abuso de álcool e outras drogas, saúde bucal etc.

Atividades desenvolvidas: Realizamos encontros quinzenais nas áreas mapeadas, com uma estrutura itinerante e acolhedora, incluindo banners, mesas, cadeiras e som ambiente para deixar o espaço mais agradável. Durante esses encontros, oferecemos alimentos como café, leite, pão com mortadela, refrescos e água, sempre respeitando as orientações de redução de danos. Também distribuímos kits de apoio para quem está em tratamento supervisionado (TDO), voltados principalmente para pessoas com tuberculose, gestantes e pacientes em acompanhamento de saúde mental. Esses kits incluem biscoitos, achocolatado e itens não perecíveis.

Fazemos triagens e escutas em saúde mental com a equipe do Consultório na Rua e CAPS, além da realização de testes rápidos para ISTs, HIV e sífilis, acompanhados de aconselhamento antes e depois do resultado. Oferecemos ainda atendimento médico e de enfermagem, com encaminhamentos para a rede de saúde quando necessário. Também identificamos pessoas com sintomas respiratórios, coletamos escarro e damos início à investigação para tuberculose.

Os encontros contam com atividades educativas, incluindo a entrega de materiais informativos sobre prevenção da tuberculose, ISTs e cuidados maternos. Para quem precisa de um acompanhamento mais próximo, construímos um plano de cuidado individualizado em parceria com a equipe local, principalmente nos casos de tuberculose, gravidez, saúde mental e ISTs.

Acompanhamos as pessoas tanto em casa quanto nas ruas, garantindo apoio para que sigam com os cuidados e não interrompam o tratamento. No caso da tuberculose, incentivamos o Tratamento Diretamente Observado (TDO), fortalecendo o vínculo com a equipe e oferecendo suporte alimentar.

Resultados alcançados: A expansão do Café Cultural para os territórios da Vila Kennedy e Senador Camará traz avanços importantes no cuidado integral à população em situação de rua, com efeitos positivos na saúde coletiva e na articulação intersetorial. A experiência mostra a força da estratégia como espaço de acesso, acolhimento e cuidado contínuo, fortalecendo vínculos e promovendo maior corresponsabilidade no território. Esse movimento amplia o acesso das pessoas em situação de rua aos serviços de saúde, fortalece vínculos por meio da escuta atenta, da alimentação, das ações educativas e do cuidado em saúde, e cria um ambiente de confiança e acolhimento. O reconhecimento espontâneo da equipe do Consultório na Rua pelos próprios usuários reforça esse processo, já que eles indicam novos participantes e fortalecem o fluxo comunitário de cuidado. A iniciativa permite identificar situações de extrema vulnerabilidade, como violência, gravidez e sofrimento psíquico, com posterior inserção nas redes de proteção social. Também aumenta a captação de sintomáticos respiratórios e a adesão ao tratamento de tuberculose, impactando diretamente nos indicadores do território. Além disso, viabiliza o diagnóstico precoce e o encaminhamento de casos de ISTs, HIV e sífilis por meio da testagem rápida e do acolhimento humanizado, identifica gestantes em situação de rua e fortalece o acesso ao pré-natal, integrando equipes da atenção primária e especializada. Outro resultado importante é a implantação e o acompanhamento de esquemas de Tratamento Diretamente Observado (TDO) para pessoas em tratamento de tuberculose, com suporte alimentar e emocional. A expansão ainda mobiliza a rede intra e intersetorial, envolvendo unidades de saúde, assistência social, instituições religiosas, movimentos sociais e projetos comunitários, além de estabelecer fluxos de encaminhamento e acompanhamento de casos que promovem a corresponsabilidade entre os diferentes atores. A iniciativa recebe, ainda, apoio das lideranças locais e de instituições comunitárias, que participam ativamente da realização dos encontros e ajudam a fortalecer a rede de cuidado no território.

Desafios Encontrados: A expansão do Café Cultural evidencia avanços importantes no cuidado às pessoas em situação de rua, mas também revela desafios que dificultam a regularidade, a integralidade e a continuidade das ações. Esses obstáculos estão ligados principalmente às condições estruturais do território, à fragilidade da rede intersetorial e à ausência de políticas públicas adequadas para populações em extrema vulnerabilidade.

A violência e a instabilidade territorial, presentes em áreas como Vila Kennedy e Senador Camará, impõem barreiras reais à realização das atividades planejadas. Conflitos armados e o controle de facções obrigam frequentemente a adiar ou adaptar ações, afetando a previsibilidade e a continuidade do cuidado. A insegurança também limita a mobilidade da equipe e a permanência dos usuários nos pontos de atenção, reduzindo o alcance das atividades de saúde.

Outro desafio é a ausência de uma rede de proteção adequada para casos de extrema vulnerabilidade. Muitos territórios não contam com equipamentos de acolhimento institucional para gestantes sem suporte familiar ou habitacional, pessoas com transtornos mentais graves e usuários de substâncias em situação de abandono ou violência. Quando surgem casos com urgência social, a rede local frequentemente não oferece vagas ou fluxos para acolhimento emergencial, o que leva o retorno da pessoa à rua e rompe vínculos terapêuticos importantes.

A fragilidade na articulação intersetorial também dificulta o acompanhamento adequado. A descontinuidade de partes da rede, seja por falta de profissionais, mudanças de gestão ou ausência de fluxos pactuados, compromete o trabalho integrado. Além disso, a dificuldade em manter reuniões regulares e corresponsabilização institucional sobrecarrega a equipe do Consultório na Rua, diminuindo o efeito integrado da estratégia.

Por fim, existem limitações operacionais e recursos restritos. O orçamento insuficiente prejudica a aquisição de alimentos, kits de cuidado e insumos básicos, e a logística para montar a estrutura mínima dos cafés — mesas, tendas, cadeiras e som — enfrenta desafios em territórios de difícil acesso ou com transporte limitado.

Lições Aprendidas: O que funcionou bem na experiência do Café Cultural inclui a criação de vínculos e a adesão espontânea dos usuários. A escuta qualificada, a abordagem não impositiva e o ambiente acolhedor dos encontros se mostram fundamentais para o engajamento das pessoas em situação de rua, que passam a frequentar os cafés de forma recorrente e até a indicar outros usuários, fortalecendo a estratégia como porta de entrada para o cuidado. As ações integradas de saúde e cuidado social, combinando atenção básica, saúde mental, abordagem de rua e ações de redução de danos, se mostram eficazes na promoção de cuidado integral e no enfrentamento de agravos como tuberculose, ISTs e gravidez não acompanhada. Além disso, as parcerias comunitárias e o reconhecimento no território reforçam o impacto da iniciativa: a atuação sensível e regular da equipe garante apoio logístico e facilita a circulação nos contextos mais adversos, recebendo o reconhecimento de lideranças locais e instituições.

Entre os pontos que podem ser melhorados, destaca-se o fortalecimento da rede intersetorial. A sustentabilidade da ação depende de uma articulação mais sólida e comprometida entre os equipamentos de saúde, assistência social, justiça e segurança pública. A ausência de fluxos claros e a sobrecarga da equipe de rua indicam a necessidade de pactuações institucionais mais robustas. É fundamental também criar respostas institucionais para casos de alta vulnerabilidade, já que a falta de acolhimento emergencial para gestantes, pessoas em sofrimento psíquico e outras situações de risco exige diálogo com a rede sobre fluxos específicos e políticas públicas que contemplem essas demandas. Por fim, o monitoramento sistemático de indicadores precisa ser aprimorado: mecanismos mais eficientes de registro e análise dos dados produzidos durante os cafés podem fortalecer a avaliação dos impactos da ação, alimentar os sistemas oficiais e subsidiar a tomada de decisão.

- **Contato:** Aline Vidal - consultorionaruacap51@gmail.com
- **Redes sociais:** [@popsambam](#)

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Refletindo sobre a experiência: o “Café Social” é um farol de boas práticas, mas sua plena realização depende de um sistema que o apoie e que compartilhe a responsabilidade pelo cuidado integral da PSR. Emerge como um modelo exemplar de cuidado em saúde e de Redução de Danos para a PSR e usuários em cena de uso. Sua proposta de ir ao encontro da população, criando um espaço itinerante e acolhedor, é uma fortaleza inquestionável, desmistificando o acesso à saúde e construindo pontes onde antes havia barreiras. O projeto se destaca pela sua capacidade de construir vínculos de confiança com uma abordagem humanizada, não impositiva, e de um ambiente acolhedor, que vai além da oferta de serviços clínicos. Ao oferecer desde testes rápidos com aconselhamento, até o acompanhamento de casos de tuberculose demonstra a potência do projeto em impactar positivamente a saúde coletiva e a vida de pessoas em situações complexas. O apoio de lideranças locais e instituições comunitárias reforça a ideia de que o projeto consegue se integrar e ser reconhecido pelas comunidades onde atua. A lição aprendida é de que é fundamental fortalecer a rede intersetorial e criar respostas institucionais claras para casos de alta vulnerabilidade aponta para a necessidade de políticas públicas mais abrangentes e articuladas.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Programa Seguir em Frente RUA Sonho Meu - CAPS Ad III Dona Ivone Lara - Cascadura



Saúde Integral

Localização:

Rio de Janeiro, município do estado do Rio de Janeiro

Instituição Responsável:

Secretaria Municipal de Saúde do Município do Rio de Janeiro

- *Subsecretaria de Promoção da Saúde Atenção Primária e Vigilância de Saúde do Município do Rio de Janeiro*

Público-Alvo: População em Situação de Rua no município do Rio de Janeiro

Tipo de experiência: Público.

Objetivos: Tem como objetivo a saída qualificada da situação de rua, através da reinserção produtiva para a população em situação de rua, conforme nível de autonomia de cada indivíduo, mediante ações articuladas com o objetivo de desenvolver geração de renda própria, reinserção no mercado de trabalho formal e autonomia ocupacional.

Atividades desenvolvidas: Acolhimento, alimentação, moradia transitória, reinserção produtiva, atividades coletivas, promoção do acesso a serviços de saúde e assistência social.

Resultados alcançados: Ao todo, 4.968 pessoas passaram pelo Programa Seguir em Frente. Dentre elas, 1.341 participantes recebem ou receberam a Bolsa de Incentivo Produtivo. Atualmente, 602 usuários do programa estão atendidos nas Unidades de Acolhimento Adulto (UAA).

Desafios Encontrados: Articulação intersetorial, longitudinalidade no cuidado e territorialidade

Lições Aprendidas: Conhecer as demandas e necessidades de pessoas em situação de vulnerabilidade diante do desafio da convivência coletiva em grande volume.

Contato: Nome e e-mail de uma pessoa de contato para mais informações: Raquel Caprio / raquel.subpav@gmail.com

Rede social: [@seguiremfrente.rio](https://www.instagram.com/seguiremfrente.rio) Instagram

Refletindo sobre a experiência: O “Programa Seguir em Frente” é uma iniciativa exemplar que transcende a atenção básica, propondo uma abordagem fundamental para a “saída qualificada da situação de rua”: a reinserção produtiva. Essa experiência é um farol de esperança e uma prova concreta de que é possível ir além da assistência biomédica centrada. Ao focar na reinserção produtiva e na autonomia, ele aponta para um caminho mais digno e sustentável para a saída da rua. Sua capacidade de impactar um grande número de pessoas, apesar dos desafios complexos de articulação e gestão, o torna um modelo valioso para futuras políticas e programas voltados à PSR. É um convite para pensarmos o cuidado não apenas como um auxílio, mas como um investimento na capacidade e no potencial de cada indivíduo. Este programa não apenas oferece abrigo e alimento, mas constrói um caminho para a autonomia e a dignidade por meio do trabalho e da geração de renda. O grande trunfo deste programa é sua visão holística e focada na autonomia. Ao invés de apenas gerenciar a permanência na rua ou em abrigos, o “Seguir em Frente” investe na capacidade do indivíduo de reconstruir sua vida, adaptando-se ao nível de autonomia de cada um. As atividades desenvolvidas – que incluem acolhimento, moradia transitória e acesso a serviços de saúde e assistência social – são a base, mas a “reinserção produtiva” é o motor, visando à geração de renda própria, reinserção no mercado de trabalho formal e autonomia ocupacional. Esta abordagem é crucial para romper o ciclo de vulnerabilidade. Com quase 5.000 pessoas que passaram pelo programa e um número significativo de 1.341 participantes que receberam a Bolsa de Incentivo Produtivo, fica evidente que o modelo consegue engajar um volume considerável da População em Situação de Rua (PSR) em um processo de reintegração ativo e produtivo. No entanto, a experiência também nos confronta com desafios persistentes, que são comuns a programas de grande porte e complexidade social: a articulação intersetorial, a longitudinalidade no cuidado e a territorialidade. Em programas de larga escala, o sucesso não depende apenas da oferta de serviços, mas de uma profunda compreensão das dinâmicas humanas, dos conflitos e das necessidades individuais dentro de um contexto de grupo. Isso exige uma gestão sensível e flexível, capaz de mediar e apoiar a convivência, que por si só já é um desafio para quem vive em situação de rua.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Populações em situação de rua no município de Florianópolis: uma cartografia-narrativa do cuidado



Educação
e Qualificação

Localização:

Florianópolis, município do Estado de Santa Catarina

Instituição Responsável:

Universidade Federal de Santa Catarina

Público-Alvo: Pessoas em situação de rua no município de Florianópolis.

Tipo de experiência: Público.

Objetivos: O estudo tem como objetivos compreender como se constitui a produção do cuidado entre pessoas em situação de rua no município de Florianópolis, Santa Catarina, assim como conhecer as narrativas e histórias de vida dessas populações. Busca-se também cartografar o território em que vivem, analisar as vulnerabilidades resultantes da vivência na rua e compreender de que forma marcadores de gênero, raça e etnia contribuem para a vulnerabilização dessas populações. Além disso, pretende-se descrever os serviços da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) acessados por pessoas em situação de rua, analisar as narrativas produzidas por profissionais de saúde e gestores da RAPS sobre esse grupo, e compreender as estratégias de cuidado de si e de outros adotadas por quem vive na rua. O estudo também visa investigar as estratégias de resistência utilizadas por essas populações e cartografar o cuidado produzido pela Equipe do Consultório na Rua.

Atividades desenvolvidas: As atividades desenvolvidas incluem o acompanhamento das ações dos profissionais do Consultório na Rua, o acolhimento das populações em situação de rua e a escuta ativa das pessoas em situação de rua (PSR). Também foram realizadas atividades de etnografia e cartografia do território, entrevistas em profundidade com as PSR, com profissionais de saúde que compõem a Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) e com membros de movimentos sociais, além de visitas a albergues. Essas ações permitiram compreender de forma ampla o cotidiano, as necessidades e as estratégias de cuidado da população em situação de rua, articulando observação direta, registro territorial e coleta de relatos individuais.

Resultados alcançados: Foram centenas de pessoas atendidas, entre PSR, estudantes, professores e profissionais de saúde / Três instituições envolvidas (SMS, UFSC e Rede Unida)

Desafios Encontrados: Financiamento

Lições Aprendidas: Funcionou bem: Relação com a equipe do Consultório na Rua. Pode ser melhorado: Maior articulação com outros setores

Contato: Roger Flores Ceccon / roger.ceccon@hotmail.com

Site/Rede social: [@escoladesaudecoletiva](https://www.instagram.com/escoladesaudecoletiva)

Refletindo sobre a experiência: A iniciativa “Populações em situação de rua no município de Florianópolis: uma cartografia-narrativa do cuidado”, representa uma abordagem crucial e inovadora no campo do cuidado à População em Situação de Rua (PSR). Diferente das experiências anteriores, que focam na intervenção direta, esta se dedica à produção de conhecimento aprofundado, o que é igualmente vital para qualificar o cuidado e as políticas pública. Essa experiência é um modelo inspirador de como a pesquisa acadêmica, quando realizada com sensibilidade e profundidade, pode ser uma ferramenta transformadora. Ao dar voz à PSR e mapear as dinâmicas do cuidado, ela oferece subsídios críticos para a construção de políticas públicas mais informadas, jus-

tas e eficazes, e para o desenvolvimento de práticas de cuidado que realmente dialoguem com a complexidade da vida nas ruas. É um convite para valorizarmos a pesquisa como um pilar indispensável na luta por direitos e dignidade para as pessoas em situação de rua.

Os objetivos do projeto demonstram uma visão holística. Não se trata apenas de mapear serviços, mas de compreender as vulnerabilidades geradas pela vivência na rua (incluindo marcadores de gênero, raça e etnia), as estratégias de autocuidado e resistência da PSR, e até mesmo as percepções dos profissionais e gestores. Isso fornece um panorama completo e multifacetado, essencial para formular estratégias de intervenção que sejam verdadeiramente eficazes e respeitosas. A cartografia do cuidado produzido especificamente pela Equipe de Consultório na Rua também é um ponto de destaque, pois oferece um olhar micro sobre uma prática de cuidado tão relevante. A ênfase nas narrativas e histórias de vida, por meio de escutas ativas e entrevistas em profundidade com a própria PSR, além de profissionais e movimentos sociais, garante que a pesquisa seja pautada pela voz de quem realmente vive a realidade das ruas, rompendo com visões estigmatizantes e patologizantes. As lições aprendidas reforçam pontos importantes: a relação positiva com a equipe do Consultório na Rua é um indicativo de que a pesquisa se beneficia imensamente da proximidade e da confiança estabelecida com as equipes que atuam diretamente na ponta. Por outro lado, a necessidade de “maior articulação com outros setores” revela que, mesmo para um projeto de pesquisa, a complexidade do tema exige uma rede de colaboração ainda mais ampla, abrangendo diferentes esferas do cuidado e da sociedade.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Cartografias de uma cidade invisível: mapeamento sensível dos espaços habitados por corpos de/na rua



Educação
e Qualificação

Localização:

Rio de Janeiro. Município do estado do Rio de Janeiro

Instituição Responsável:

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Público-Alvo: PAdultos e idosos, ou seja, pessoas com mais de 18 anos

Objetivos: A pesquisa busca destacar, ao longo do estudo, personagens e atividades importantes para a estruturação da cidade, como os catadores de materiais recicláveis, que desempenham um papel fundamental na construção da cidade do futuro e cuja atividade é atualmente regulamentada e reconhecida legalmente no Brasil. Ao final da pesquisa, prevista para 2026, pretende-se, por meio de esquemas gráficos e materiais de georreferenciamento, realizar uma análise sensível das ambiências dos espaços urbanos do Rio de Janeiro, mapeando padrões de permanência e circulação de pessoas em situação de rua. Essa cartografia evidencia uma cidade que se desenrola sem o olhar das políticas públicas ou de um planejamento urbano adequado, uma cidade muitas vezes invisível. O objetivo é produzir materiais científicos que sirvam de subsídio para novas formas de pensar a arquitetura, o urbanismo, as ciências sociais, as políticas públicas, a habitação e os espaços públicos, contribuindo para a construção de uma cidade interdisciplinar, inclusiva e mais atenta às diferentes formas de vida que nela coexistem.

Atividades desenvolvidas: A pesquisa é estruturada em três etapas principais. Na primeira, a equipe acessa os territórios com transporte fretado, realiza entrevistas semiestruturadas e acolhimento, registrando trajetos, pontos de permanência e atividades dos interlocutores, complementados por fotos, croquis e mapeamentos sensíveis. Na segunda etapa, os dados permitem identificar personagens significativos, e os participantes recebem kits de desenho para criar seus próprios cadernos de campo, devolvendo-lhes protagonismo. Na terceira fase, todo o material é convertido em dados georreferenciados, gerando produtos gráficos que fortalecem a análise territorial. Ao longo de todas as etapas, adesivos com a frase “A RUA NÃO É MINHA CASA” são distribuídos e colados nos espaços urbanos, evidenciando rotas e permanências e promovendo uma intervenção silenciosa, porém de impacto coletivo.

Resultados alcançados: A pesquisa, apoiada pela FAPERJ e pelo CNPq, vem analisando os espaços públicos do Rio de Janeiro, especialmente depois da pandemia de COVID-19. Os resultados mostram que a presença de pessoas em situação de rua aumentou e, muitas vezes, está ligada às atividades que geram algum retorno financeiro. Muitos dos entrevistados não se veem como “pessoas em situação de rua”, mas como “trabalhadores da rua”, enfrentando dificuldades econômicas, pouca assistência e desafios de mobilidade na cidade. A maioria veio da Zona Oeste, Baixada Fluminense, bairros internos da Zona Norte ou de municípios próximos à capital, e alguns até de outros estados. Essas pessoas atuam principalmente na Zona Sul e na área central, longe de onde moravam, mas onde desenvolvem seu trabalho diário.

Um estudo recente (Pinheiro et al., 2024) mostrou que essas atividades não são improvisadas ou sem compromisso. Muitas pessoas têm locais fixos e rotinas definidas, trabalhando de segunda a sexta-feira com funções como vender doces, entregar comida, reciclar materiais, guardar carros ou realizar pequenos bicos. A pesquisa deixa claro que a “perambulação” não é descomprometida: muitos ficam na rua até completar sua semana de trabalho.

Nos quase dois anos de estudo, 160 pessoas em situação de rua foram entrevistadas. Entre as atividades mais comuns estão a reciclagem (38,6%), venda ambulante (14,3%), andarilhos sem atividade definida (7,6%), flanelinhas (6,7%), vendedores subsidiados por terceiros (4,2%), serventes de obra (4,2%), artistas de rua (1,7%) e profissionais da prostituição (1,7%). Outros 21% se declararam desempregados ou sem atividade.

Desafios Encontrados: O maior desafio da pesquisa tem sido a inserção em campo. As saídas noturnas exigem que a equipe percorra a cidade à procura de pessoas em situação de rua em diferentes bairros do Rio de Janeiro. Apesar de seguirmos um roteiro previamente planejado, a imersão na cidade muitas vezes nos leva a tomar novos rumos, adaptando o percurso conforme as situações e encontros que surgem ao longo da noite.

Lições Aprendidas: O primeiro contato da equipe com os interlocutores costuma ser bem positivo. Mas na segunda etapa da pesquisa — quando tentamos identificar personagens importantes da cidade — surgem alguns desafios, principalmente com quem não tem trajetos fixos e aparece em certos pontos da cidade dependendo do dia da semana ou de eventos noturnos. Por exemplo, pessoas que trabalham com reciclagem se deslocam por diferentes regiões de acordo com grandes festas ou eventos. Essa imprevisibilidade dificulta reencontrá-las. Para driblar isso, a equipe passou a fazer saídas também durante o dia, aumentando as chances de contato e de manter a pesquisa em andamento.

Contato: Ethel Pinheiro

Site/Rede social: <https://lasc.fau.ufrj.br/>

Refletindo sobre a experiência: A experiência denominada “CARTOGRAFIAS DE UMA CIDADE INVISÍVEL” é um exemplo brilhante de como a academia pode atuar na vanguarda da justiça social. Se propõe a desvendar as complexidades da vida nas ruas por meio da lente da academia, gerando conhecimento essencial para a transformação social. Ao dar voz e visibilidade aos “corpos de/na rua”, ao desafiar narrativas preconceituosas e ao produzir dados concretos e georreferenciados, este projeto não apenas enriquece o conhecimento científico, mas oferece ferramentas indispensáveis para que urbanistas, gestores e formuladores de políticas possam, de fato, planejar e construir uma cidade mais justa, inclusiva e visível para todos. É um convite urgente para desvelar as múltiplas camadas da cidade e reconhecer a humanidade em cada um de seus habitantes. Ao focar na análise das ambiências e nos padrões de permanência e deambulação, a pesquisa busca cartografar uma “cidade invisível” que, apesar de existir, frequentemente é ignorada pelas lentes tradicionais da gestão pública.

O destaque para o papel dos catadores de materiais recicláveis, por exemplo, não apenas reconhece uma atividade laboral vital, mas também contesta a visão simplista e patologizante da vida na rua. A pesquisa revela que a “perambulação” não é descompromissada, mas muitas vezes ligada a uma rotina de trabalho. Os dados detalhados sobre as atividades laborais (reciclagem, vendas ambulantes etc.) e a origem periférica da maioria dos participantes reforçam a necessidade de políticas que abordem as causas estruturais da rua (como a ausência de moradia digna e problemas econômicos) e não apenas suas consequências.

Saúde Preta



Proteção Social

Localização:

Rio de Janeiro. Município do estado do Rio de Janeiro

Instituição Responsável:

Pretas Ruas

Público-Alvo: Adultos em situação de rua, abrigos ou ocupações urbanas.

Tipo da experiência: sociedade civil

Objetivos: O Projeto Saúde Preta da organização Pretas Ruas busca oferecer um cuidado integral e humanizado à população negra, especialmente mulheres em situação de rua e vulnerabilidade socioeconômica, enfrentando as profundas desigualdades raciais e de gênero no Brasil. Seus objetivos incluem combater o racismo estrutural, preencher lacunas nas políticas públicas de saúde e assistência social, e proporcionar apoio psicossocial para pessoas que lidam com uso abusivo de substâncias, racismo e rompimentos familiares. O projeto, iniciado em 2022, visa garantir acesso contínuo a atividades de promoção da saúde, prevenção e acolhimento, respeitando a autonomia individual e expandindo parcerias para ampliar seu alcance e oportunidades.

Atividades desenvolvidas: Atividades voltadas ao cuidado e ao fortalecimento da população atendida. Entre elas, destaca-se o acompanhamento psicossocial, realizado por equipes de profissionais e voluntários, que fazem escuta ativa e mapeiam as principais demandas das pessoas assistidas. São promovidas também rodas de escuta e conversa, espaços seguros para diálogo, troca de experiências, soma de saberes e suporte mútuo. Oficinas e palestras incluem atividades de arte, arteterapia e produção de acessórios, que podem gerar renda para os participantes. O sociopsicodrama étnico-racial nas encruzilhadas é utilizado como ferramenta para auxiliar na expressão emocional e no enfrentamento de mazelas e estigmas. Além disso, são distribuídos kits de higiene pessoal e lanches, importantes para garantir a dignidade de quem vive em situação de rua. Por fim, a educação continuada aborda temas como cuidado em liberdade, redução de danos, racismo estrutural, sexismo, saúde mental, acesso à Justiça e direitos sociais.

Resultados alcançados: Os resultados do Projeto Saúde Preta incluem o atendimento direto a 163 mulheres negras e um impacto total em 2852 pessoas, englobando familiares, comunidades locais e redes parceiras. Além disso, o projeto distribuiu 1376 kits de lanche e realizou mais de 180 horas de atividades. A relevância do projeto para a justiça étnico-racial é destacada pelo fato de que 95,10% das pessoas atendidas eram negras.

Desafios Encontrados: A implementação do Projeto Saúde Preta enfrenta alguns desafios importantes. Entre eles, a escassez de recursos contínuos, que limita a manutenção e expansão das atividades. Também há a necessidade de ampliar parcerias, garantindo encaminhamentos e oportunidades mais efetivas para os participantes. Além disso, a superação das barreiras impostas pelo racismo, tanto na sociedade quanto no mercado de trabalho, representa uma dificuldade constante no desenvolvimento do projeto.

Lições Aprendidas: a oferta de um cuidado integral e humanizado para a população negra em situação de rua e vulnerabilidade socioeconômica, com atenção especial às mulheres negras. A metodologia se mostrou adaptativa, incorporando as escutas das participantes e permitindo melhorias contínuas com base na experiência. Os resultados indicam um impacto direto em 163 mulheres e alcance ampliado para quase 3.000

pessoas, incluindo familiares e comunidades. O projeto também se destacou pelo foco na justiça étnico-racial, atendendo 95,1% de pessoas negras, e pela diversidade de atividades oferecidas, como acompanhamento psicossocial, rodas de escuta, oficinas, sociopsicodrama, distribuição de kits e educação continuada. Além disso, a distribuição de kits de higiene e lanche reforçou a promoção da dignidade para quem vive em situação de rua.

O que pode ser melhorado (desafios e perspectivas): Entre os principais desafios do Projeto Saúde Preta estão a sustentabilidade financeira, devido à escassez de recursos contínuos, o que evidencia a necessidade de aprimorar estratégias de captação e gestão para garantir a continuidade das ações. A expansão de parcerias também se mostra essencial: embora já existam colaborações, há espaço para fortalecer a rede de apoio e oferecer mais encaminhamentos e oportunidades. Além disso, a superação das barreiras impostas pelo racismo na sociedade e no mercado de trabalho permanece como um desafio, apontando para a necessidade de estratégias mais eficazes de enfrentamento e articulação para assegurar o acesso e a inclusão da população negra.

Contato: Pamella Cristina de Oliveira da Silva pamella@pretasruas.org.br

Site/Rede social: https://pretasruas.org.br/https://www.instagram.com/pretas_ruas/#

Refletindo sobre a experiência: A iniciativa “Populações em situação de rua no município de Florianópolis: uma cartografia-narrativa do cuidado”, representa uma abordagem crucial e inovadora no campo do cuidado à População em Situação de Rua (PSR). Diferente das experiências anteriores, que focam na intervenção direta, esta se dedica à produção de conhecimento aprofundado, o que é igualmente vital para qualificar o cuidado e as políticas públicas. Essa experiência é um modelo inspirador de como a pesquisa acadêmica, quando realizada com sensibilidade e profundidade, pode ser uma ferramenta transformadora. Ao dar voz à PSR e mapear as dinâmicas do cuidado, ela oferece subsídios críticos para a construção de políticas públicas mais informadas, jus

Centro de Atendimento Integrado à Pessoa em Situação de Rua (CIPOP RUA/RJ)



Proteção Social

Localização:

Rio de Janeiro. Município do estado do Rio de Janeiro

Instituição Responsável:

Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro, de abril de 2024 a abril de 2026

Público-Alvo: Pessoas em Situação de Rua em geral

Tipo da experiência: Público

Objetivos: Seus objetivos incluem garantir o acesso à justiça, promover a regularização documental, viabilizar o cadastramento no CADÚnico, favorecer a reinserção no mercado de trabalho e conceder benefícios sociais e previdenciários, além de estimular a autonomia dos usuários por meio de atendimento humanizado e integrado.

Atividades desenvolvidas: Entre as atividades desenvolvidas, destacam-se o acesso à justiça, realizado por meio da Defensoria Pública, da OAB e do Ministério do Trabalho, com orientação jurídica individualizada e encaminhamentos para ações judiciais e conciliações; a regularização documental, que contempla a emissão de certidões de nascimento, casamento e óbito de qualquer estado do país, a carteira de identidade, a regularização da inscrição militar e do título eleitoral, incluindo baixa de multas, e a emissão da carteira de trabalho digital; o cadastro e a atualização de dados no CAD Único, possibilitando o acesso a programas sociais e benefícios previdenciários; a articulação interinstitucional, com parcerias de órgãos públicos e ONGs para oferecer serviços complementares como atendimento de saúde, orientação psicológica, qualificação profissional e atividades socioeducativas; e o acompanhamento individualizado dos usuários, com registro e monitoramento de cada atendimento, visando à reinserção social e ao fortalecimento da rede de apoio.

Desafios Encontrados: Dentre os desafios enfrentados, destacam-se a negociação para adesão e integração de alguns órgãos parceiros, a preparação e manutenção do espaço físico, considerando o fluxo diário elevado e a necessidade de acessibilidade, e a garantia de continuidade do atendimento diante de demandas complexas e heterogêneas. Como resultado, o CIPOP consolidou-se como referência de bom acolhimento e efetividade na prestação de serviços, fortalecendo a articulação entre órgãos públicos e sociedade civil, promovendo melhoria significativa na regularização documental e no acesso a benefícios sociais, e evidenciando a necessidade urgente de ampliação do espaço físico para a oferta de serviços complementares, fundamentais para a reinserção social e a autonomia das pessoas atendidas.

Lições Aprendidas: O local tornou-se referência de bom acolhimento e efetividade dos serviços prestados, mas há necessidade urgente de ampliação do espaço físico para oferta de serviços complementares, fundamentais para a reinserção social dos do Projeto Saúde Preta estão a sustentabilidade financeira, devido à escassez de recursos contínuos, o que evidencia a necessidade de aprimorar estratégias de captação e gestão para garantir a continuidade das ações. A expansão de parcerias também se mostra essencial: embora já existam colaborações, há espaço para fortalecer a rede de apoio e oferecer mais encaminhamentos e oportunidades. Além disso, a superação das barreiras

impostas pelo racismo na sociedade e no mercado de trabalho permanece como um desafio, apontando para a necessidade de estratégias mais eficazes de enfrentamento e articulação para assegurar o acesso e a inclusão da população negra.

Contato: Tereza/ terezagomes@tjrj.jus.br

Refletindo sobre a experiência: O CIPOP RUA/RJ representa um avanço crucial na abordagem da vulnerabilidade da PSR. É um modelo inovador ao reconhecer que a cidadania plena para a PSR passa necessariamente pela garantia dos direitos mais básicos, como ter uma identidade e acesso à justiça. Ao focar na desburocratização e na centralização desses serviços, ele cria uma base sólida para que outras iniciativas de reinserção social possam prosperar. É um passo vital na construção de uma sociedade que verdadeiramente reconheça e atenda às necessidades de sua população mais vulnerável, e um convite para que a justiça se torne cada vez mais acessível e integrada. Sua principal força reside na compreensão de que o acesso à dignidade e à reinserção social começa pelo acesso à justiça e à regularização documental. A visão central do CIPOP é precisa: desburocratizar e facilitar o acesso a direitos fundamentais. Muitas vezes, a falta de documentos ou a dificuldade em acessar o sistema judicial são barreiras invisíveis, mas intransponíveis, para a PSR conseguir moradia, trabalho, saúde ou benefícios sociais. Ao centralizar a emissão de documentos (certidões, RGs, carteiras de trabalho) e o acesso a serviços como Defensoria Pública e Ministério do Trabalho, o CIPOP atua na raiz de muitas exclusões. A inclusão no CadÚnico e a regularização de benefícios sociais e previdenciários são passos essenciais para a garantia de direitos e o início de um processo de reinserção produtiva e social. A lição aprendida de que “o local tornou-se referência de bom acolhimento e efetividade dos serviços prestados” é um indicador qualitativo poderoso. Ser reconhecido como um espaço de acolhimento e eficácia por uma população que frequentemente encontra portas fechadas ou olhares de desconfiança é um sucesso em si. Sugere que, uma vez que a barreira da documentação é superada, outras necessidades (como saúde, qualificação profissional, moradia) vêm à tona e demandam uma resposta integrada. O CIPOP, ao ser a “porta de entrada” para esses direitos básicos, naturalmente se vê diante da demanda por uma articulação ainda maior com outras redes de cuidado e assistência.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Associação de Comunidades de Vida Mariana - ACVM



Proteção Social

Localização:

Rio de Janeiro. Município do estado do Rio de Janeiro

Instituição Responsável:

Associação de Comunidades de Vida Mariana (ACVM) – OSC

Público-Alvo: Pessoas em situação de rua

Tipo da experiência: sociedade civil organizada

Objetivos: Dar dignidade a população em situação de rua e população em vulnerabilidade social ofertando atendimento Serviço Social e psicologia e encaminhamento para órgãos públicos de atendimento social (CRAS e CAPS)

Atividades desenvolvidas: O serviço atua como um espaço de acolhimento e fortalecimento de vínculos, oferecendo atendimento social e psicológico para pessoas em situação de rua. Todas as quartas-feiras, a instituição distribui kits de higiene voltados especialmente para o público masculino e organiza jantares abertos a toda a população em situação de rua que queira participar. Além disso, promove diversas ações para manter o projeto ativo, como um bazar permanente, que arrecada recursos para as despesas, e almoços solidários preparados pelas comunidades ligadas à instituição. Esses almoços reúnem voluntários, familiares e amigos, fortalecendo a convivência e ajudando a arrecadar fundos que garantem tanto o pagamento de custos internos quanto a continuidade dos jantares semanais.

Resultados Alcançados: Em média, o projeto realiza cerca de 30 atendimentos individuais por semana e recebe mais de 250 pessoas nos jantares, incluindo muitas famílias. Quando há necessidade de cuidados de saúde mais específicos, os participantes são encaminhados para a Clínica da Família ou para atendimento no CAPS, garantindo que recebam o suporte adequado.

Desafios Encontrados: A construção de parcerias duradouras, que garantam apoio contínuo ao projeto, e também na dificuldade de envolver pessoas que realmente estejam dispostas a compreender e buscar caminhos para sair da situação de rua.

Lições Aprendidas: Os atendimentos e encaminhamentos já estão acontecendo de forma positiva, mas ainda há a necessidade de ampliar a rede de parceiros para que seja possível oferecer oportunidades que realmente façam diferença. A ideia é contar com serviços que possam gerar renda e abrir portas para o primeiro emprego, criando condições mais concretas para que as pessoas em situação de rua possam reconstruir suas vidas com dignidade.

Contato: Aline Schonmann Malm - schonmannaline@gmail.com

Site/Rede social: <https://www.acvm.org.br/nossa-historia>

Refletindo sobre a experiência: ACVM é um exemplo valioso de solidariedade e compromisso social, que oferece uma base de acolhimento e dignidade para a PSR por meio de um esforço comunitário. Demonstra um modelo de cuidado à PSR pautado na dignidade e no acolhimento direto. Sua abordagem, embora focada em serviços essenciais e encaminhamentos, revela a potência de uma atuação comunitária e baseada no voluntariado. Sublinha a importância do contato direto e do fortalecimento de vínculos. Contudo, ela também aponta para a necessidade de uma rede de apoio mais ampla e robusta, que inclua parceiros capazes de promover a autonomia produtiva e o acesso ao mercado de trabalho, garantindo que o seguir em frente seja uma possibilidade real e sustentável para aqueles que buscam sair da situação de rua. Essa experiência também lança luz sobre desafios importantes. A dificuldade em estabelecer “parcerias com vínculo continuado” é uma realidade para muitas Organizações da sociedade civil, limitando a capacidade de expandir e diversificar a oferta de serviços. Não basta a oferta; é preciso um processo contínuo de apoio e motivação. ACVM, como muitas outras iniciativas de acolhimento, reconhece que a dignidade plena e a saída efetiva da rua dependem fundamentalmente da autonomia financeira. A oferta de subsídios básicos e encaminhamentos é o começo, mas a capacidade de gerar renda é o passo definitivo para a reinserção social.

Projeto Passaporte da Cidadania



Proteção Social

Localização:

Rio de Janeiro. Município do estado do Rio de Janeiro

Instituição Responsável:

Mitra Arquiepiscopal do Rio de Janeiro/Pastoral do Menor

Público-Alvo: Crianças e adolescentes em situação de rua, extensivo às suas famílias.

- *Crianças de 0 a 12 anos incompletos*
- *Adolescentes de 12 anos a 18 anos incompletos*
- *Jovens de 18 anos aos 29 anos*
- *Adultos/ Responsáveis*

Tipo da experiência: sociedade civil

Objetivos: O projeto tem como objetivo articular e fortalecer as alternativas de atendimento voltadas para crianças e adolescentes em situação de rua, criando caminhos reais para que possam deixar as ruas e retornar às suas comunidades. A proposta se baseia na construção de uma rede integrada de serviços que promovam inclusão social, com foco especial no fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários.

Para isso, a principal ferramenta de atuação é um ônibus adaptado, que funciona como espaço pedagógico itinerante. Com ele, a equipe se desloca até os logradouros públicos onde há maior concentração de crianças e jovens em situação de rua, identificados a partir de levantamentos, diagnósticos e pela própria busca ativa realizada no território. Os locais são definidos estrategicamente, levando em conta o contexto social da cidade.

Essa atuação não acontece de forma isolada: o projeto se articula com a rede de serviços do sistema de garantia de direitos, envolvendo o poder público local, comerciantes e diferentes iniciativas comunitárias ligadas à Igreja Católica. Toda a ação é pautada na Política Municipal para Crianças e Adolescentes em Situação de Rua, deliberada pelo CMDCA/RJ, e orientada por resolução conjunta que define diretrizes para esse trabalho integrado.

Atividades desenvolvidas: As atividades desenvolvidas pelo projeto são diversas e buscam atender de forma integral tanto as famílias quanto às crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. O atendimento social começa com a elaboração de um plano de intervenção junto às famílias, incluindo orientações e encaminhamentos para garantir o acesso aos serviços da rede socioassistencial e ao Sistema de Garantia de Direitos. Esse trabalho é complementado por sumários sociais, visitas domiciliares e estudos de caso, que permitem um olhar mais profundo sobre cada realidade. Além disso, são realizadas reuniões temáticas com as famílias e articulações constantes com a rede socioassistencial, fortalecendo as ações do projeto e viabilizando o acesso efetivo aos direitos sociais do público atendido.

Com as crianças e adolescentes, as atividades sociopedagógicas utilizam recursos lúdicos e recreativos variados, como jogos, cultura digital, contação de histórias, sessões de vídeos, reflexões sobre temas transversais e produção de desenhos, sempre com a proposta de estimular o conhecimento e o pensamento crítico. As rodas de conversa também fazem parte do processo, fortalecendo vínculos e promovendo debates sobre prevenção, proteção e protagonismo juvenil.

Outro ponto importante é o acesso à cultura e ao futuro profissional: os jovens participam de visitas a equipamentos culturais da cidade e de oficinas de cidadania e mercado de trabalho, em parceria com a Fundação Mudes, que os prepara para ingressar no programa Jovem Aprendiz. As mães, por sua vez, são convidadas a participar de oficinas de aproveitamento integral dos alimentos, que ajudam a prevenir o desperdício, contribuem no combate à fome e ainda abrem possibilidades de geração de renda.

Para garantir o bom andamento do projeto, a equipe realiza reuniões internas e avaliações semestrais, que permitem acompanhar os resultados e aprimorar constantemente as ações desenvolvidas.

Resultados Alcançados: O projeto desenvolveu um conjunto de ações que têm transformado a vida de famílias, crianças, adolescentes e jovens do território. O Plano de Intervenção Social acompanhou 34 núcleos familiares, ouvindo suas demandas, elaborando sumários sociais para avaliação do perfil de cada família e promovendo orientações, estudos de caso e visitas domiciliares. Além disso, foram realizadas reuniões coletivas que fortaleceram os vínculos, incentivaram a participação no projeto e estimularam o pensamento crítico por meio da abordagem de temas da vida cotidiana. Essas ações também contaram com articulações junto à rede socioassistencial e ao Sistema de Garantia de Direitos, com o objetivo de ampliar e fortalecer o acesso aos direitos. Ao todo, 128 pessoas foram alcançadas diretamente: 37 crianças, 28 adolescentes, 13 jovens e 50 adultos responsáveis.

Outra frente importante foi o apoio com a entrega de cestas básicas às 34 famílias atendidas, ajudando a reduzir os impactos da insegurança alimentar. Já as atividades socio-pedagógicas têm fortalecido o protagonismo juvenil de 37 crianças, 28 adolescentes e 13 jovens, por meio de recursos como cultura digital, jogos cooperativos, contação de histórias, sessões de vídeo e reflexões com temas transversais, além da produção de desenhos livres. A criatividade também foi estimulada com escritas de livros, cenas teatrais e atividades ligadas à cultura popular, que abriram espaço para a expressão artística, a leitura, o desenvolvimento de talentos e a valorização da autoestima e da saúde mental.

As visitas a oito equipamentos culturais da cidade tiveram grande adesão e se mostraram fundamentais para ampliar horizontes, fortalecer o pensamento crítico e estimular o interesse das crianças, adolescentes e suas famílias pelo acesso à cultura. Outro destaque foi a parceria com a Fundação Mudes, que trouxe a experiência inovadora das Oficinas de Cidadania e Mercado de Trabalho. Durante oito meses, um professor conduziu aulas dentro do próprio ônibus do projeto, utilizando computadores e a infraestrutura disponibilizada pela equipe. Dez adolescentes foram inscritos, sete concluíram a formação e saíram preparados tanto para o ingresso no programa Jovem Aprendiz quanto para enfrentar os desafios do mercado formal de trabalho e de outras dimensões da vida.

As mães também foram protagonistas em uma experiência marcante: as Oficinas de Aproveitamento Integral dos Alimentos (AIA), realizadas em parceria com o CEDAC. Durante seis encontros noturnos, no espaço externo ao ônibus, 12 mães se inscreveram e 10 concluíram o curso, aprendendo técnicas de aproveitamento integral dos alimentos, prevenção do desperdício e combate à insegurança alimentar. Além do aprendizado prático, as oficinas trouxeram um desafio especial: cada mãe registrou uma memória afetiva ligada a um alimento, contribuindo para um livro de receitas coletivo, entregue como presente ao final da formação, reunindo as receitas ensinadas durante o curso.

Desafios Encontrados: Os principais desafios enfrentados pelo projeto estão diretamente ligados às questões estruturais da sociedade. A violência e as desigualdades sociais marcam profundamente a vida das famílias atendidas, assim como a falta de continuidade das políticas públicas voltadas para a infância, adolescência e geração de renda. Outro obstáculo é a baixa escolaridade, que dificulta o acesso ao trabalho formal e a cursos de formação que poderiam ampliar as oportunidades, muitas vezes restringindo as famílias a subempregos de mera sobrevivência.

Essas vulnerabilidades impactam diretamente as crianças, que acabam não vivenciando o ciclo de vida adequado à sua faixa etária, prejudicando seu desenvolvimento físico, emocional e psíquico. Além disso, há uma realidade muito presente de mães solo, que carregam sozinhas a responsabilidade pelo sustento, cuidado e proteção de seus filhos, enfrentando múltiplos desafios para garantir condições mínimas de vida digna para suas famílias.

Lições Aprendidas: Entre as principais lições aprendidas ao longo da experiência, destaca-se a importância de reconhecer as peculiaridades de cada território e de cada público atendido, entendendo que não há soluções únicas, mas caminhos que precisam ser construídos a partir da realidade local. Outro ponto fundamental foi a força das abordagens inovadoras, que ajudaram a criar vínculos e a manter o engajamento das pessoas atendidas. Além disso, ficou claro o quanto os serviços de retaguarda, como a rede socioassistencial e de garantia de direitos, são essenciais para potencializar as ações do projeto e ampliar os resultados alcançados.

Contato: Regina Coeli Kalil Lustoza Leão - pastoraldomenor@arquidiocese.org.br

Site/Rede social: <https://www.instagram.com/passaportedacidadania>

<https://www.facebook.com/passaportecidadania>

Refletindo sobre a experiência: o “Projeto Passaporte da Cidadania” é um modelo inspirador de intervenção social. Ao focar nas crianças e suas famílias, ele ataca o problema da situação de rua em sua fase mais sensível, buscando prevenir a perpetuação do ciclo de vulnerabilidade. Sua metodologia inovadora, a capacidade de gerar resultados concretos em educação e geração de renda, e a habilidade de articular parcerias são exemplos do que a sociedade civil pode fazer. Ao invés de uma mera assistência, o projeto visa a saída qualificada das ruas e o retorno à comunidade por meio de uma rede integrada de serviços, investindo profundamente nos laços familiares e comunitários. Um dos elementos mais inovadores do projeto é o ônibus adaptado, que funciona como uma “ferramenta pedagógica”. Essa mobilidade permite uma busca ativa e a atuação direta em territórios com alta concentração do público-alvo, articulando-se com a rede de serviços do sistema de garantia de direitos, o poder público local e a própria comunidade. Essa estratégia móvel e integrada é vital para alcançar quem mais precisa, quebrando barreiras de acesso e desconfiança. As lições aprendidas sublinham a importância da abordagem adaptativa às peculiaridades de cada território e público, a necessidade de abordagens inovadoras para engajar e desenvolver o potencial dos participantes, e a necessidade dos serviços de retaguarda para potencializar as ações do projeto. Isso significa que, para o sucesso, é imperativo que existam políticas públicas e serviços de apoio que possam receber os encaminhamentos e dar continuidade ao ciclo de cuidado e reinserção que o projeto inicia. A experiência também serve como um alerta para a urgência de políticas públicas que deem o suporte necessário e contínuo para que essas sementes de esperança possam realmente florescer e transformar vidas em larga escala.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

ONG Só Vamos



Proteção Social

Localização:

Rio de Janeiro. Município do estado do Rio de Janeiro

Instituição Responsável:

ONG Só Vamos

Público-Alvo: População em Situação de Rua

Tipo da experiência: sociedade civil

Objetivos: tem como foco oferecer apoio direto às pessoas em situação de rua, garantindo o acesso a refeições e à distribuição de cestas básicas. A proposta é, ao mesmo tempo, atender necessidades imediatas de alimentação e reforçar o cuidado com quem enfrenta a dura realidade de viver nas ruas.

Atividades desenvolvidas: O projeto realiza a distribuição de refeições aos assistidos todos os finais de semana, garantindo alimentação regular à população em situação de rua. Além disso, ao final de cada mês, são entregues cestas básicas, oferecendo um suporte mais duradouro e ajudando a minimizar a insegurança alimentar dessas pessoas.

Resultados Alcançados: Um dos cenários mais marcantes do projeto são as longas filas que se formam, com as pessoas aguardando ansiosamente a chegada dos voluntários trazendo as refeições. Isso evidencia tanto a necessidade quanto a importância desse atendimento para a população em situação de rua.

Desafios Encontrados: Falta de apoio financeiro para que a ong consiga arcar com todos os custos.

Lições Aprendidas: Desde que comecei a atuar na ONG, percebi que tudo é feito com muito cuidado, dedicação e amor, o que faz toda a diferença no impacto que o trabalho gera junto às pessoas atendidas

Contato: Ronaldo

Site/Rede social: [@sovamos.rj](#)

Refletindo sobre a experiência: Essa experiência é um lembrete vívido da importância do suporte direto e consistente à PSR. Ela não se propõe a resolver as complexidades da reinserção social ou as questões estruturais da situação de rua, mas garante a dignidade básica e a sobrevivência imediata. Sua atuação é um testemunho da solidariedade da sociedade civil e um convite para que o apoio financeiro e estrutural a essas bases de cuidado seja reconhecido e ampliado, permitindo que o “amor” que impulsiona essas iniciativas possa alcançar ainda mais pessoas e que a resposta à crise humanitária nas ruas seja mais robusta e coordenada. Em um contexto onde as estruturas de apoio governamentais podem ser insuficientes ou de difícil acesso, organizações como a “Só Vamos” preenchem uma lacuna crítica, atuando como uma rede de segurança vital para aqueles em maior vulnerabilidade..

Moradia Assistida - SALVADOR/BA



Moradia

Localização:

Salvador, município do estado da Bahia.

Instituição Responsável:

Secretaria Municipal de Promoção Social, Combate à Pobreza, Esportes e Lazer

Público-Alvo: A população atendida é composta por pessoas em situação de rua, preferencialmente de forma crônica e com histórico de uso de drogas. São priorizadas mães chefes de família, pessoas idosas, integrantes da comunidade LGBTQIA+ e pessoas com deficiência com autonomia preservada.

Tipo da experiência: Público

Objetivos: O Projeto objetiva ser uma estratégia de promoção da superação da situação de rua, por meio do acesso imediato à moradia e acompanhamento de equipe técnica.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Atividades desenvolvidas: Oferta de moradia; acompanhamento de equipe técnica (psicólogos, assistentes sociais, redutores de danos); visitas domiciliares; encaminhamento seguro à rede de serviços de outras políticas públicas. O projeto se alicerça no trabalho social com famílias, no cuidado compartilhado e no investimento em tecnologias leves e flexível.

Resultados Alcançados: Inserção no mercado formal de trabalho; diminuição do tempo na rua; retomada de vínculos familiares e comunitários; redução do uso abusivo de spas; acesso a outros serviços das demais políticas públicas.

Desafios Encontrados: Dificuldade em localizar imóveis aptos à locação; preconceito por parte dos proprietários dos imóveis; conflitos comunitários por conta do uso abusivo de spas (alguns assistidos); reconhecimento da rede sobre os objetivos do Projeto.

Lições Aprendidas: Embora não tenha havido uma avaliação formal, já é possível verificar resultados positivos preliminares, como por exemplo a diminuição do tempo da rua e o pertencimento à condição de domiciliar. No entanto, é preciso mais investimento em recursos financeiros para operacionalização do projeto, bem como uma formalização do trabalho em Rede.

Contato: Juliana Portela (Diretora) - Ravena Lima (coordenadora) - dpsd.sempre@salvador.ba.gov.br

Refletindo sobre a experiência: o projeto “Moradia Assistida” se destaca como um modelo crucial para a superação da situação de rua, alicerçado no princípio do acesso imediato à moradia e acompanhamento técnico. Sua força reside em priorizar a PSR e com trajetória de uso de drogas, incluindo grupos especialmente vulneráveis. Ao oferecer moradia combinada com o apoio de psicólogos, assistentes sociais e redutores de danos, o projeto busca não apenas abrigar, mas reintegrar, visando a inserção no mercado de trabalho, a retomada de vínculos familiares e a redução do uso abusivo de substâncias. Os resultados preliminares, como a diminuição do tempo na rua e o senso de pertencimento domiciliar, são promissores, apesar dos desafios como o preconceito de proprietários de imóveis e a necessidade de maior articulação da rede de serviços.

Programa Reencontro - SP



Moradia

Localização:

São Paulo, município do estado de São Paulo

Instituição Responsável:

SMADS, Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social – São Paulo, SP

Público-Alvo: Pessoas ou grupos socioafetivos em situação de vulnerabilidade social na cidade de São Paulo, de acordo com cadastro no sistema de informação da SMADS (SISA - Sistema de Informação do Atendimento aos Usuários ou SISRUA - Sistema de Informação da Situação de Rua) e que estejam em acompanhamento pelo CRAS, CREAS, Centro POP e/ou serviços referenciados da rede socioassistencial

Tipo da experiência: Público

Objetivos: O Projeto objetiva ser uma estratégia de promoção da superação da situação de rua, por meio do acesso imediato à moradia e acompanhamento de equipe técnica.

Atividades desenvolvidas: As atividades desenvolvidas incluem a oferta de moradia transitória por meio de um modelo de cogestão do espaço, a promoção de ações inter-setoriais em articulação com redes de diversas políticas públicas, como desenvolvimento econômico e trabalho, direitos humanos e cidadania, saúde, habitação, educação e segurança alimentar e nutricional, com foco na garantia de direitos. O projeto também busca criar oportunidades de autonomia financeira por meio da inserção no mercado de trabalho e contribuir para uma saída qualificada e duradoura do programa, assegurando a continuidade do acompanhamento social dos indivíduos.

Resultados Alcançados: Os resultados alcançados incluem a implementação de 10 Vilas Reencontro, com um total de 1.669 pessoas acolhidas como residentes nessas vilas.

Desafios Encontrados: O programa Vila Reencontro oferece moradia transitória e suporte essencial a famílias em situação de rua. No entanto, o trabalho com essas famílias é complexo devido ao seu histórico de vulnerabilidades. O grande desafio é conseguir atender a todas as demandas, preparar as famílias para uma saída qualificada em até 24 meses e garantir que superem seus traumas, promovendo sua reinserção social e econômica de forma sustentável.

Lições Aprendidas: Apesar de todas as complexidades mencionadas, o trabalho tem recebido boa avaliação tanto internamente quanto pelos moradores das vilas. Embora seja um programa recente e ainda não existam estudos mais aprofundados de avaliação, está em andamento a elaboração de um documento de análise para este ano.

Contato: macaetano@prefeitura.sp.gov.br

Site/Rede social: Página da SMADS e da Prefeitura de SP.

Refletindo sobre a experiência: Refletindo sobre a experiência: o “**Programa Reencontro**” emerge como uma iniciativa governamental inovadora e fundamental, focada na **oferta de moradia transitória e suporte intersetorial a famílias em situação de rua**. Seu objetivo principal é promover uma saída **qualificada e duradoura** da rua através de um modelo de cogestão do espaço, articulando diversas políticas públicas (habitação, assistência social, saúde, trabalho, educação) para garantir a autonomia financeira e a reinserção social e econômica sustentável. Com 10 Vilas Reencontro já estabelecidas e 1.669 pessoas acolhidas, o programa demonstra escala e impacto significativos. No entanto, enfrenta o desafio complexo de atender às múltiplas demandas e traumas de famílias com longo histórico de vulnerabilidade. A experiência, ainda que recente e sem avaliações aprofundadas, tem sido bem recebida internamente e pelos próprios moradores, sinalizando um caminho promissor para políticas de habitação e assistência social integradas.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Programa de Moradia Primeiro e Acompanhamento Individualizado



Moradia

Localização:

Belo Horizonte, município do estado de Minas Gerais

Instituição Responsável:

Associação Coletivo Aluguel Solidário

Público-Alvo: Pessoas em situação de rua

Tipo da experiência: Público

Objetivos: O Aluguel Solidário é um coletivo que promove moradias sem custos para pessoas em situação de rua e vulnerabilidade. Com o objetivo de garantir moradia social para aqueles que fazem das ruas a sua casa, de modo a buscar o resgate da dignidade, cidadania e autonomia de pessoas marginalizadas por sua condição. Nossa atuação ocorre por meio do financiamento coletivo e voluntariado, que possibilita que sejam alugados imóveis independentes e ofertados gratuitamente para pessoas que antes não possuíam um lar. O nosso trabalho é realizado apoiando-se no modelo de ‘Moradia Primeiro’ (Housing First), que parte do princípio de que o acesso à moradia digna deve ser o primeiro passo a ser dado no processo de integração social das pessoas em situação de rua. ação, localidade, condições físicas e emocionais, entre outros aspectos. Por fim, inicia-se a campanha para levantamento financeiro com doação livre de pessoas físicas/jurídicas que desejam aderir ao financiamento coletivo, realizando a locação do imóvel selecionado, assim como a estruturação de mobiliário e afins. Cumprida estas etapas, a pessoa assistida é levada para seu novo local de moradia. Mesmo após a instalação da pessoa, o coletivo continua fazendo um acompanhamento do assistido, verificando as constantes necessidades e demandas na área de saúde, educação, reinserção no mercado de trabalho e demais suportes socioafetivos. Além disso, o Aluguel Solidário ainda possui atividades conjuntas, como programa de segurança alimentar, acompanhamento e encaminhamento jurídico previdenciário e possui parcerias para atendimento médico, odontológico e psicológico. Como objetivo secundário, temos como proposta a conscientização coletiva sobre o problema da falta de moradia e da população crescente de pessoas em situação de rua nos grandes centros urbanos. Por isso, atuamos acompanhando as atuações do legislativo municipal, no que tange à matéria, buscamos propostas para práticas públicas de moradia social e problemas relacionados às pessoas em situação de rua. Por sua vez, nas redes sociais, as pautas são abordadas diariamente, com informações úteis, textos, questionamentos, de modo a colocar em debate, os problemas sociais e as possibilidades diversas de atuação, de modo que a divulgação não se restrinja ao coletivo, mas aos problemas sociais e às possibilidades diversas de atuação.

Atividades desenvolvidas: As atividades desenvolvidas pelo Coletivo seguem o modelo inovador de **“Moradia Primeiro” (Housing First)**, já estudado e aplicado em diversos países, mas ainda pouco presente no Brasil. A ideia central é simples e poderosa: garantir primeiro uma moradia digna para a pessoa em situação de rua, entendendo que esse é o ponto de partida para o processo de reconstrução da vida. Esse modelo rompe com a lógica tradicional, chamada de “etapista”, que exige que a pessoa passe antes por atendimentos sociais, abrigos temporários e uma longa sequência de passos até, só no final, conquistar um lar definitivo. Aqui, a moradia vem antes e a partir dela se constrói o restante.

O processo começa com uma entrevista detalhada, onde são ouvidas as necessidades e vontades da pessoa que busca apoio. A partir disso, inicia-se a busca por um imóvel que se encaixe em seu perfil, considerando pontos importantes como a presença de animais de estimação, a localização, e até questões ligadas à saúde física e emocional. Encontrado o imóvel, o Coletivo organiza uma campanha de financiamento coletivo para viabilizar o aluguel e estruturar a nova casa com o que for necessário, como móveis e utensílios.

Quando tudo está pronto, a pessoa recebe as chaves de sua nova moradia, acompanhada de orientações básicas e da assinatura de um termo de compromisso para zelar pelo espaço. Mas o trabalho não termina aí: o acompanhamento é contínuo. Semanalmente, funcionários do projeto visitam os novos moradores para garantir que a adaptação esteja acontecendo de forma positiva e para identificar possíveis necessidades. Além disso, todos participam de encontros mensais na sede do Aluguel Solidário, momentos de convivência e troca de experiências, onde também recebem alimentos em cotas mensais.

O cuidado vai além da moradia. O Coletivo atua em rede com outros projetos sociais e instituições parceiras, oferecendo suporte nas áreas de saúde, educação, capacitação profissional, reinserção no mercado de trabalho e apoio socioafetivo. Os moradores são cadastrados na Unidade Básica de Saúde próxima de suas casas e, sempre que necessário, recebem encaminhamentos para atendimentos psicológicos, jurídicos ou em programas de geração de renda. A ideia é que cada pessoa tenha condições reais de retomar sua autonomia e reconstruir sua cidadania.

Um ponto importante é que o financiamento do projeto é totalmente coletivo e independente: não há recursos de governo, empresas privadas ou fundações. Quem mantém o Aluguel Solidário são pessoas comuns, doadoras fixas e eventuais, que acreditam na causa. Atualmente, são cerca de 230 doadores fixos, além de muitos outros que contribuem em momentos pontuais, mostrando a força da mobilização em torno do direito à moradia.

Na seleção das pessoas atendidas, o Coletivo também conta com o apoio de parceiros locais que atuam na mesma causa, como o Instituto de Apoio e Orientação a Pessoas em Situação de Rua (Inaper) e a Pastoral da Rua, ambos em Belo Horizonte. Essa parceria fortalece ainda mais a rede de apoio, garantindo que cada assistido receba não apenas uma casa, mas um conjunto de oportunidades para reconstruir sua vida com dignidade.

Resultados Alcançados: Atualmente, possuímos 37 moradias individuais financiadas e garantidas pelo coletivo, totalizando 42 beneficiados diretamente. Entretanto, até a presente data, mais de 60 pessoas passaram e foram assistidas pelo Aluguel Solidário. Acreditamos que, hoje, nosso coletivo tem relevância e impacto, não apenas na vida dos assistidos, mas na coletividade. Seja naqueles que ingressam como voluntários ou financiadores, mas também na conscientização geral. O nosso coletivo é bastante inovador, uma vez que há poucos financiamentos não governamentais de moradia digna para pessoas em situação de rua.

Alcançamos sucesso em alguns casos, como recentemente, um dos assistidos ingressou no Curso de Agronomia em uma Universidade Federal mineira. Outros 16 moradores recuperaram seu espaço na sociedade e total autonomia financeira, de modo que arcam hoje com os custos de sua própria moradia, abrindo espaço para o acolhimento de outras pessoas.

Os resultados alcançados, portanto, são: Retirada da pessoa da situação de rua, Acompanhamento individualizado e interdisciplinar, Permanência da pessoa na moradia, Melhoria nos aspectos sociais e de saúde e Reinserção social

Desafios Encontrados: Nossos maiores desafios, se encontram nos aspectos materiais, como obtenção de recursos para financiamento das moradias e ampliação da atuação, na logística das doações, para angariar, armazenar e transportar o mobiliário na montagem das moradias e no campo humano, a redução de danos e reabilitação do uso de álcool e drogas.

Lições Aprendidas: O modelo de ‘Moradia Primeiro’ (Housing First) é bastante eficaz, barato e possível de ser realizado, e comprova que o acesso à moradia digna deve ser o primeiro passo a ser dado no processo de integração social das pessoas em situação de rua, e portanto, deve ser ampliado e tratado como uma ação institucional e de política pública.

Contato: Deborah Fernandes Amaral - aluguelsolidario@gmail.com

Site/Rede social: [@aluguelsolidario](https://www.instagram.com/aluguelsolidario)

Refletindo sobre a experiência: o “Programa de Moradia Primeiro e Acompanhamento Individualizado” é um farol de inovação e eficácia, por implementar o revolucionário modelo ‘Moradia Primeiro’ (Housing First). Este projeto se distingue por sua premissa fundamental: garantir moradia digna e sem custos a pessoas em situação de rua como primeiro passo para sua integração social, superando a lógica etapista. Por meio de financiamento coletivo e voluntariado, o Coletivo aluga imóveis independentes e os oferece gratuitamente, com um acompanhamento individualizado e contínuo nas áreas de saúde, educação, reinserção no mercado de trabalho e suporte socioafetivo. Apesar dos desafios de captação de recursos para ampliação e logística de doações de mobiliário, além da complexidade da reabilitação do uso de álcool e drogas, a lição aprendida é inequívoca: o modelo ‘Moradia Primeiro’ é “eficaz, barato e possível de ser realizado”, comprovando que o acesso à moradia é, de fato, a pedra angular para o resgate da dignidade e autonomia, e deve ser ampliado como política pública.

NAVEGAR

Projeto Mãos Invisíveis



Moradia

Localização:

Curitiba, município do estado do Paraná

Instituição Responsável:

Associação Mãos Invisíveis

Público-Alvo: População em situação de rua de maneira integral, com ações específicas para o atendimento de gestantes em situação de rua.

Tipo da experiência: sociedade civil

Objetivos: Busca promover o reconhecimento da dignidade da população em situação de rua, fortalecendo vínculos sociais, ampliando o acesso a direitos e incidindo para a transformação das políticas públicas. Nossa atuação visa reduzir barreiras de acesso a serviços, oferecer suporte emergencial, atuar com redução de danos e construir, junto com a população atendida, caminhos de autonomia e pertencimento na cidade. Além disso, buscamos sensibilizar a sociedade e o poder público sobre as desigualdades que afetam essa população, fomentando práticas de cuidado integral e de justiça social.

Atividades desenvolvidas: O Projeto Mãos Invisíveis realiza ações contínuas de cuidado e fortalecimento de vínculos com a população em situação de rua, tendo como principal frente o Café Pretexto, realizado semanalmente na Praça Generoso Marques, no centro de Curitiba. Durante essa ação, é oferecido café da manhã, acolhimento, escuta qualificada, orientação para acesso a direitos e encaminhamentos para a rede pública de assistência social, saúde e justiça.

O Mãos Invisíveis também participa da implementação do modelo Moradia Primeiro (Housing First) em Curitiba, acompanhando beneficiários que acessaram moradias através do programa, com foco na promoção da autonomia, redução de danos, manutenção da moradia e acesso integral à saúde e assistência.

Paralelamente, o projeto desenvolve iniciativas específicas voltadas para demandas emergentes da população em situação de rua, como o acompanhamento de gestantes em situação de rua, articulando atendimento pré-natal, apoio psicossocial e defesa de direitos para evitar a violação de direitos materno-infantis.

Além das ações regulares, o projeto também organiza ações emergenciais em datas e períodos críticos. Durante o verão, realiza a distribuição de água, frutas e melancias geladas nas ruas, visando a proteção contra desidratação e insolação. No inverno, são realizadas ações de madrugada, com a entrega de cobertores, agasalhos e alimentação para a população em situação de rua. Em datas comemorativas, como Páscoa e Natal, são promovidas ações especiais de convivência, oferecendo refeições festivas, entrega de brinquedos, kits de higiene e momentos de fortalecimento de vínculos afetivos, como no evento anual Natal dos Invisíveis.

A sensibilização da sociedade civil é um eixo estruturante do projeto, por meio de campanhas públicas de combate ao estigma, eventos formativos e produção de conteúdo sobre direitos humanos e justiça social. Paralelamente, o Mãos Invisíveis atua diretamente na incidência política para o desenvolvimento e qualificação de políticas públicas voltadas à população em situação de rua, participando de fóruns de controle social, comitês intersetoriais, audiências públicas e espaços de formulação de propostas legislativas.

Toda a atuação do projeto é pautada pelos princípios da dignidade, da autonomia e da justiça social, sempre em diálogo com a população atendida e em articulação permanente com os equipamentos da rede pública e outras organizações da sociedade civil.

Resultados Alcançados: Desde 2018, o Projeto Mãos Invisíveis atendeu diretamente mais de 8.000 pessoas em situação de rua nas ações emergenciais realizadas na Praça Generoso Marques. No eixo de moradia, o projeto atua diretamente no acompanhamento de beneficiários do programa Moradia Primeiro de Curitiba, com resultados expressivos na manutenção da moradia e na ampliação do acesso à saúde, assistência e renda. Na frente de acompanhamento a gestantes, foram atendidos mais de 30 casos de mulheres em situação de rua e extrema vulnerabilidade, com articulação para o pré-natal, acolhimento e defesa dos direitos da mulher e da criança.

Além dos resultados diretos, o projeto também promoveu campanhas públicas de sensibilização, alcançando milhares de pessoas através das redes sociais e eventos de formação, contribuindo para o fortalecimento da luta contra o estigma e para a conscientização sobre os direitos da população em situação de rua. No campo da incidência política, o Mãos Invisíveis participa ativamente de espaços de construção e monitoramento de políticas públicas em Curitiba, sendo reconhecido como referência em práticas inovadoras e efetivas de cuidado integral.

Desafios Encontrados: Entre os principais desafios enfrentados pelo Projeto Mãos Invisíveis estão a limitação de recursos financeiros e humanos para a manutenção e expansão das ações, a ausência de políticas públicas estruturantes e intersetoriais voltadas à população em situação de rua e a dificuldade de articulação contínua com todos os equipamentos da rede pública. Outro desafio recorrente é o enfrentamento do estigma social e institucional que marca a trajetória das pessoas em situação de rua, impactando tanto o acesso a serviços quanto a efetividade das políticas públicas. Também se destaca como desafio a ausência de políticas habitacionais específicas para o público em situação de rua em âmbito municipal, dificultando processos de saída das ruas e acesso a moradia permanente para além dos projetos pilotos.

Apesar desses desafios, o projeto segue consolidando práticas de cuidado, sensibilização e incidência política, reafirmando a importância de uma atuação permanente e articulada em defesa dos direitos da população em situação de rua.

Lições Aprendidas: Ao longo dos anos de atuação, o Projeto Mãos Invisíveis aprendeu que a construção de vínculos de confiança com a população em situação de rua é o principal alicerce para a efetividade das ações de cuidado e acesso a direitos. A escuta qualificada, o respeito às trajetórias e o atendimento sem exigências prévias mostraram-se fundamentais para o fortalecimento da autonomia das pessoas atendidas. A atuação em rede, com parcerias interinstitucionais, também se revelou um elemento estratégico para ampliar os impactos das ações e garantir respostas mais integrais às demandas.

Como aspectos a serem continuamente aprimorados, identificamos a necessidade de fortalecer mecanismos de sustentabilidade financeira do projeto e ampliar a capacidade de mobilização de recursos humanos, garantindo maior regularidade e alcance das ações. Outro aprendizado importante foi a importância de qualificar continuamente a equipe e os voluntários, com formações sobre direitos humanos, redução de danos e cuidado interseccional, para enfrentar de forma mais consistente os desafios complexos que atravessam a realidade da população em situação de rua.

Contato: Vanessa de Souza Lima Dalberto

Site/Rede social: instagram: [@projetomaosinvisiveis/](https://www.instagram.com/projetomaosinvisiveis/) site: www.maosinvisiveis.com.br

Refletindo sobre a experiência: o “Projeto Mãos Invisíveis” exemplifica uma atuação abrangente e inovadora da sociedade civil no cuidado integral à População em Situação de Rua (PSR). Sua abordagem holística busca não apenas a assistência imediata, mas o reconhecimento da dignidade, o fortalecimento de vínculos, a ampliação do acesso a direitos e a incidência para a transformação de políticas públicas. Ações como o Café Pretexto, a participação no modelo ‘Moradia Primeiro’ (Housing First) e o acompanhamento específico de gestantes demonstram um compromisso com a autonomia e o pertencimento social. A sensibilização da sociedade e a ativa incidência política reforçam a importância de uma mudança sistêmica no trato da questão da rua. Apesar dos desafios de recursos limitados, ausência de políticas públicas estruturantes e o estigma social, o “Mãos Invisíveis” aprendeu que a construção de vínculos de confiança, a escuta qualificada e a atuação em rede são alicerces para a efetividade de suas ações, servindo como um modelo de cuidado integral e advocacia em direitos humanos.

Colaboratório Nacional Pop Rua

Colaboratório Nacional Pop Rua



NAVEGAR



Moradia

Localização:

14 Pólos Descentralizados nas regiões de Manaus, Belém, Salvador, Fortaleza, Natal, Recife, Maceió, Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis; Escola Nacional Pop Rua, localizada em Brasília, com ações volantes em todo território nacional; Grupo de Pesquisa e Fórum Consultivo

Instituição Responsável:

Fundação Oswaldo Cruz Brasília, Núcleo de Populações em Situações de Vulnerabilidade e Saúde Mental na Atenção Básica (NUPOP Fiocruz Brasília).

Público-Alvo: Trabalhadores que atuam com a PSR e a própria população em situação de rua

Tipo da experiência: Público

Objetivos:

- 1) Construir e operar estratégias de acompanhamento das Políticas Públicas específicas para a população em situação de rua (PSR) (em âmbito nacional e regional);
- 2) qualificar pessoas com trajetória de rua no âmbito político (participação social), fomentando e fortalecendo o controle social e;
- 3) fomentar e apoiar estratégias de qualificação dos serviços e equipes que atuam com a PSR.

Atividades Desenvolvidas:

Polos Descentralizados: os polos são equipes formadas por 3 pessoas (articulador com trajetória de rua, técnico especializado e profissional de nível superior). Sua atuação tem como público-alvo os trabalhadores, gestores e instituições que atuem com a PSR, e suas ações baseiam-se na lógica do Apoio Institucional, Cooperação Horizontal e Territórios de Aprendizagem, articulando agendas estratégicas para a PSR, contribuindo para a implementação das políticas públicas e contribuindo na melhoria da qualificação de processos de trabalho e na formação das equipes. Também é realizada, no âmbito dos polos, a sistematização de boas práticas, para realização de trocas de experiências virtuais em âmbito nacional.

Fórum Consultivo: tem como funções organizar as ações do Colaboratório, acompanhar e avaliar o trabalho dos Polos Descentralizados, da Escola Nacional Pop Rua e do Grupo de Pesquisa, além de formular e deliberar sobre as ações descentralizadas. Também articula as demandas levantadas com órgãos de garantia de direitos e secretarias, divulga os resultados produzidos e estabelece vínculos com instituições públicas, de ensino e pesquisa e redes sul-americanas, fortalecendo a integração de atores e a construção de políticas públicas para a população em situação de rua.

Escola Nacional Pop Rua: tem o papel de qualificar entidades da sociedade civil, pessoas em situação de rua em geral, movimentos sociais, instituições de ensino e pesquisa e órgãos do Estado sobre temas relacionados à PSR. Realiza formações, cursos, oficinas e rodas de conversa, promove intercâmbio de metodologias e pesquisas em âmbito nacional, e divulga os resultados para órgãos públicos e instituições afins.

Grupo de Pesquisa: realiza o levantamento e análise das principais bases de dados sobre políticas públicas voltadas à PSR, acompanha as informações produzidas pelos Polos Descentralizados e pela Escola Nacional Pop Rua, e articula suas pesquisas com as do NUPOP Fiocruz Brasília.

Resultados Alcançados: Os polos descentralizados realizaram, em 2023 e 2024, 488 atividades, concentradas em ações com o SUS e o SUAS, ações intersetoriais com órgãos de garantia de direitos e instituições de habitação, trabalho e renda, ações de formação, incidência política, visitas a serviços, mapeamento de dados, participação social e promoção de direitos humanos. No primeiro semestre de 2025, foram registradas 284 atividades, totalizando 772 ações com a participação de 21.464 pessoas nos 14 polos descentralizados.

A Escola Nacional Pop Rua, no primeiro semestre de 2024, realizou ações em Brasília, Curitiba, São Paulo, Salvador, Goiânia, Campo Grande e Rio de Janeiro, qualificando 70 instituições, realizando 23 oficinas e formando 461 pessoas. No segundo semestre de 2024, promoveu reuniões de alinhamento, oficinas, participou do 1º Encontro Nacional Pop Rua e de eventos nacionais, elaborou e aprimorou o Termo de Conduta e Ética, fortaleceu ações em território, participou do Pop Rua Jud, realizou oficina em parceria com o Fórum da Cidade de São Paulo e assinou Protocolo de Intenções com Fiocruz Brasília, ENSP e IPEA. No primeiro semestre de 2025, realizou reuniões de alinhamento, oficinas em Recife, Belo Horizonte, Belém e Florianópolis, e elaborou o Manual de Metodologias. Ao todo, a Escola realizou 39 atividades entre 2023 e 2025, com a participação de 1.403 pessoas.

O Grupo de Pesquisa cumpre reuniões internas quinzenais, reuniões mensais com o Fórum Consultivo e participa das reuniões gerais do Colaboratório. Suas atividades incluem acompanhamento, levantamento e sistematização de dados coletados, formulação de instrumentos para qualificação da coleta de dados nos polos, mapeamento de pesquisadores, grupos e instituições do SUS e SUAS que atuam com a população em situação de rua e criação de projetos de pesquisa a partir das demandas e questões levantadas pelo Colaboratório.

Desafios encontrados: Os principais desafios enfrentados pelo projeto estão relacionados à sua capacidade organizativa, considerando que é composto por diferentes equipes distribuídas em 14 estados, à necessidade de alinhamentos internos constantes e à projeção e receptividade do projeto nas diversas instituições com as quais interage. Esses desafios têm sido enfrentados por meio de um investimento contínuo na qualificação das equipes, garantindo que seus membros estejam capacitados para lidar com a complexidade e a diversidade das demandas. Além disso, a manutenção de reuniões mensais permite acompanhar de forma sistemática as atividades realizadas pelos polos, promovendo o alinhamento entre as equipes e a integração das ações desenvolvidas. A produção de relatórios detalhados e o envio regular de dados contribuem para a sistematização do projeto, permitindo que informações relevantes sejam compartilhadas, analisadas e utilizadas na tomada de decisões estratégicas, fortalecendo a articulação interna e a efetividade das ações realizadas em âmbito nacional.

Lições Aprendidas: O projeto tem demonstrado avanços significativos na articulação de diferentes equipes e instituições, na ampliação do acesso a direitos da população em situação de rua e na produção e sistematização de dados sobre as políticas públicas voltadas a esse público. Destacam-se a capacidade de integração das equipes nos 14 estados, o fortalecimento das ações de formação e qualificação, a efetividade das atividades dos polos descentralizados e da Escola Nacional Pop Rua, bem como a articulação do Grupo de Pesquisa na coleta e análise de informações estratégicas. As equipes têm utilizado tecnologias leves em suas intervenções, o que tem permitido atingir ampla capilaridade, alcançando diferentes territórios com recursos relativamente reduzidos. Ao mesmo tempo, o projeto permite identificar oportunidades de aprimoramento, como a necessidade de otimizar fluxos de comunicação interna, ampliar a projeção e a visibilidade das ações junto às instituições parceiras, reforçar o alinhamento entre as equipes e aprofundar metodologias de acompanhamento e avaliação das atividades, garantindo maior consistência na sistematização dos dados e nos resultados alcançados. Além da importância da continuidade do projeto, ressalta-se a necessidade de ampliação de suas equipes para todo o território nacional, visando ampliar significativamente suas ações.

Contato: Pedra Martins Machado marcelopedratrabalho@gmail.com

Site/Rede spcial: <https://sites.google.com/view/nupop-fiocruz-brasil/p%C3%A1gina-inicial>

Refletindo sobre a experiência: o “Colaboratório Nacional Pop Rua”, destaca-se como uma iniciativa de alcance nacional fundamental para a **qualificação sistêmica** do trabalho com a População em Situação de Rua (PSR). Seu objetivo principal é aprimorar **políticas públicas, serviços, equipes e movimentos sociais** que atuam com a PSR, envolvendo tanto os profissionais quanto a própria população em suas ações. Com atividades de qualificação que já alcançaram aproximadamente **22.000 pessoas** em 14 capitais, o Colaboratório demonstra um impacto significativo na capacitação e no fortalecimento das redes de apoio. Apesar do desafio de articular-se com algumas gestões municipais do SUS e do SUAS, a **lição aprendida** é crucial: propostas de qualificação construídas em parceria com a **rede local e movimentos sociais** garantem maior adesão e longevidade, sublinhando a importância da participação e do engajamento territorial para a efetividade das intervenções.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Dia de Rainha - PRETAS RUAS



Moradia

Localização:

Rio de Janeiro, município do estado do Rio de Janeiro

Instituição Responsável:

Pretas Ruas

Público-Alvo: Mulheres negras em situação de rua, abrigos e ocupações, que visa promover autoestima, dignidade e fortalecimento coletivo.

Tipo da experiência: Sociedade Civil

Objetivos: A experiência do Dia de RAINHA busca promover transformações profundas no cuidado, na autoestima e na dignidade de mulheres negras em situação de rua, abrigos e ocupações, por meio de uma ação afetiva, simbólica e política. A iniciativa resgata o sentimento de pertencimento ao tratar essas mulheres com carinho e reconhecimento, fortalecendo a autoestima e incentivando o autocuidado, muitas vezes comprometido pelas vivências de violência e negligência. Ao criar um ambiente de escuta e acolhimento, também fomenta vínculos afetivos e redes de apoio, abrindo caminhos para acompanhamentos futuros e maior inclusão. Além disso, a ação propõe o cuidado como uma tecnologia política e coletiva, que questiona as estruturas que negam direitos e aponta para práticas mais humanas e interseccionais. Ao envolver voluntários e parceiros, a experiência ainda cumpre um papel estratégico de sensibilização e mobilização social, ampliando o engajamento na luta por justiça e equidade.

Atividades Desenvolvidas: O Dia de RAINHA é uma ação pensada especialmente para mulheres negras em situação de rua, em abrigos ou em ocupações. Mais do que um evento, é um gesto de acolhimento, cuidado e valorização, que busca fortalecer a autoestima, resgatar a dignidade e incentivar o poder coletivo dessas mulheres.

O encontro começa com uma recepção calorosa, em um ambiente preparado para ser acolhedor e respeitoso, com música e uma ambientação que já transmite afeto e segurança. Logo na chegada, as participantes recebem kits personalizados de higiene e autocuidado, com produtos que ajudam a resgatar o cuidado com o corpo, tantas vezes deixado de lado por conta da violência e do abandono.

Durante o dia, acontecem oficinas práticas de autocuidado e beleza, como maquiagem, cuidados com cabelo, tranças, penteados afro e turbantes, além de cuidados com a pele. Esses momentos não são apenas estéticos, mas oportunidades de empoderamento e de fortalecimento da autoestima.

Há também rodas de conversa e escuta ativa, conduzidas por mulheres facilitadoras, onde as participantes podem compartilhar suas histórias, trocar vivências e encontrar apoio emocional no coletivo. Para além disso, o evento conta com atendimento psicossocial, oferecendo orientação e encaminhamentos para serviços de saúde, assistência social e outros equipamentos da rede, de acordo com as necessidades de cada mulher.

Tudo isso é entrelaçado por momentos de partilha em torno da alimentação afetiva, com comidas e bebidas servidas em um clima de cuidado e vínculo comunitário. E, para que essa experiência tão potente não se perca, o Dia de RAINHA também é registrado em fotos, vídeos e relatos, sempre respeitando a privacidade e a autonomia das participantes, garantindo que a memória e a força dessa ação sigam inspirando muitas outras pessoas.

Resultados Alcançados: 190 mulheres beneficiadas diretamente, 17 parcerias consolidadas, fortalecimento da autoestima das participantes, encaminhamentos efetivados para acompanhamentos em serviços de saúde, sensibilização (experiência amplia a sensibilização sobre a realidade das mulheres negras em situação de rua, impactando voluntários, apoiadores e o público geral).

Desafios Encontrados: Recursos financeiros limitados, acesso e mobilização das mulheres em situação de rua, articulação intersetorial, agendas conflitantes e acompanhamento dos impactos da ação devido à mobilidade das participantes.

Lições Aprendidas: Ao longo das edições do Dia de RAINHA, ficou evidente que o acolhimento afetivo, por meio de uma recepção calorosa e respeitosa, foi fundamental para que as mulheres se sentissem seguras e dispostas a participar das atividades. Por exemplo, em uma edição realizada no SEFRAS- RJ (Serviço Franciscano de Solidariedade), o ambiente decorado com elementos culturais e a música ao vivo criaram um espaço acolhedor que incentivou a participação ativa nas rodas de conversa. As oficinas de cuidados com cabelos cacheados e crespos, conduzidas por profissionais negras, tiveram grande impacto no fortalecimento da autoestima, resultando em relatos emocionados de mulheres que, pela primeira vez em muito tempo, sentiram-se valorizadas em sua identidade.

No entanto, um desafio recorrente foi a mobilização das mulheres que enfrentam o uso abusivo de álcool e outras drogas, especialmente aquelas que vivem nas ruas mais afastadas da zona norte e baixada fluminense. Em algumas edições, houve dificuldade em garantir a participação dessas mulheres devido à instabilidade em sua rotina, o que apontou a necessidade de parcerias mais próximas com equipes de redução de danos para facilitar o acesso. Além disso, a falta de um espaço fixo e confortável para o evento, como ocorreu na edição realizada em uma praça pública, limitou a duração e o conforto das atividades, mostrando a importância de um local adequado para o acolhimento.

Outro ponto que chamou atenção foi a necessidade de aprimorar o monitoramento dos encaminhamentos realizados. Em uma edição, várias mulheres foram encaminhadas para serviços de saúde e abrigos, mas o acompanhamento pós-evento foi dificultado pela ausência de um sistema de registro estruturado, o que dificultou mensurar o impacto a longo prazo.

Essas experiências reforçam que o sucesso do Dia de RAINHA depende não só da qualidade das atividades, mas também da estrutura, articulação intersetorial e da criação de estratégias específicas para atender às particularidades das mulheres atendidas, garantindo que a ação continue sendo um espaço transformador e sustentável.

Contato: Pamella Cristina de Oliveira da Silva/ pamella@pretasruas.org.br

Site/Rede social: https://www.instagram.com/pretas_ruas/

Refletindo sobre a experiência: o “Dia de Rainha” do coletivo **Pretas Ruas** é uma iniciativa exemplar da sociedade civil, que redefine o cuidado com mulheres negras em situação de rua, abrigos e ocupações através de uma abordagem profundamente **afetiva, simbólica e política**. Seu principal objetivo é promover a autoestima, dignidade e fortalecimento coletivo, resgatando o senso de pertencimento por meio de um acolhimento caloroso, oficinas de autocuidado e beleza (especialmente com foco em cabelos crespos e cacheados), rodas de conversa e atendimento psicossocial. Mais do que assistência, a ação visa usar o cuidado como uma ferramenta de **empoderamento e transformação social**. A **principal lição aprendida** é que o **acolhimento afetivo e a construção de vínculos de confiança** são cruciais, e que a adaptação das estratégias para atender às particularidades de cada mulher é fundamental para o sucesso e a sustentabilidade da ação. O “Dia de Rainha” não apenas oferece cuidado, mas também sensibiliza a sociedade e aponta para a importância de práticas mais humanas e interseccionais.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Projeto Lavanderia



Moradia

Localização:

Campos Elíseos, bairro do município de São Paulo, estado de São Paulo.

Instituição Responsável:

Instituto Ninho Social

Público-Alvo: Pessoas em situação de vulnerabilidade social

Tipo da experiência: Sociedade Civil

Objetivos: Oferecer acesso a dignidade, autoestima, saúde e resgate de relacionamentos através do acesso à água.

Atividades desenvolvidas: O Projeto Lavanderia, do Instituto Ninho Social em São Paulo, oferece um espaço de acolhimento e cuidado para pessoas em situação de vulnerabilidade. Logo pela manhã, é servido um café da manhã preparado para atender até 60 pessoas, criando um momento de partilha e acolhida. O espaço também conta com um bazar de roupas, onde é possível adquirir peças de forma acessível.

A estrutura dispõe de três banheiros, um deles acessível, equipados com pias e vasos sanitários, além de oito chuveiros, sendo um adaptado, que podem ser utilizados para banho ao custo simbólico de R\$1. Cada banho inclui um kit completo de higiene, garantindo dignidade e cuidado pessoal.

O ambiente ainda conta com um mural de informações úteis, uma lavanderia industrial e social com preços simbólicos, além da oferta de Práticas Integrativas e Complementares (PICs), como acupuntura, quiropraxia, reiki e massoterapia. Para ampliar as oportunidades, o espaço também disponibiliza um computador destinado a pesquisas e atividades de trabalho.

Resultados Alcançados: O Projeto Lavanderia tem se consolidado como um espaço de cuidado e dignidade para pessoas em situação de vulnerabilidade. A ideia é simples, mas extremamente potente: oferecer serviços básicos, como banho e lavanderia, em um ambiente de acolhimento. Até maio de 2025, já foram lavados mais de 70 mil quilos de roupas e oferecidos mais de 6 mil banhos. Hoje, cerca de 60 pessoas passam pelo espaço diariamente, o que mostra a relevância e a necessidade desse tipo de iniciativa no centro da cidade.

Desafios Encontrados: Como acontece com a maioria dos projetos sociais, os desafios são grandes. Falta de recursos, pouca abertura de diálogo com empresas e gestores públicos, nenhum interesse de patrocinadores e até mesmo a resistência da vizinhança têm dificultado o avanço do projeto. O alto custo de manter um espaço físico no centro de São Paulo, somado à ausência de incentivos, leis de apoio ou até mesmo doação de pessoas físicas, torna a sustentabilidade do projeto uma luta diária.

Lições Aprendidas: A experiência trouxe aprendizados importantes. No dia a dia, percebeu-se que a liderança pelo exemplo construiu uma cultura própria dentro do espaço; que lutar é diferente de brigar, e que a resistência pode ser uma forma de cuidado coletivo. Também ficou claro que, quando o trabalho começa a dar certo, surgem interesses externos que testam a integridade da iniciativa. Como costumam dizer por lá: “quem rói o osso, um dia come a carne”.

Contato: Lucas Caldeira institutoninhosocial@gmail.com

Site/Rede social: [@projetolavanderia](https://www.instagram.com/projetolavanderia)

Refletindo sobre a experiência: o “**Projeto Lavanderia**”, destaca-se por sua abordagem inovadora e profundamente humana na promoção da dignidade e saúde da PSR. Seu objetivo central é oferecer **acesso à dignidade, autoestima, saúde e resgate de relacionamentos através do acesso à água**, materializado em serviços essenciais como lavanderia industrial e social a preços simbólicos e banhos, com kits de higiene completos. Os resultados alcançados são impressionantes demonstrando a enorme demanda e a eficácia do serviço em atender uma necessidade básica e muitas vezes invisível. As **lições aprendidas** refletem uma dura realidade: “Não acreditar em pessoas e em políticos”, “Luta é diferente de briga”, e “Quando você estiver bem, virão urubus”. Essas frases revelam uma resiliência e uma visão crítica sobre as barreiras enfrentadas, sublinhando que, mesmo com um trabalho bem-sucedido e vital, o reconhecimento e apoio institucional permanecem distantes, e que a luta pela dignidade é um embate constante contra a indiferença e a adversidade.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Maleiro Social



Moradia

Localização:

São Paulo, município do estado de São Paulo e Sudeste.

Instituição Responsável:

Associação Rede Rua

Público-Alvo: Pessoas acima de 18 anos em situação de rua sem endereço fixo, sem moradia convencional regular, que se utilizam de ruas, praças, marquises, baixos dos viadutos e espaços de acolhimento para sobreviver.

Tipo da experiência: Sociedade Civil

Objetivos: O Maleiro Social da Chapelaria Social Irmã Alberta tem como objetivo oferecer a guarda segura e sem prazo predeterminado para pessoas em situação de rua que estão na cidade de São Paulo.

Atividades desenvolvidas: O maleiro funciona de segunda à sexta-feira, junto com o funcionamento das Chapelarias. As atividades desenvolvidas no espaço são de cunho individual, com preocupação na segurança dos pertences. Isso significa que são atividades de limpeza de armários e de interação com a equipe, servindo também como uma forma de acompanhamento dessas pessoas.

Resultados Alcançados: Em todos os anos de funcionamento, os maleiros apresentam resultados variados. Existem diversos casos de pessoas que utilizam o maleiro como forma de reorganização, que estão em situação de rua por conta de alguma questão pontual e precisam do maleiro por alguns dias. Casos rápidos e em que as pessoas utilizam o serviço por pouco tempo. Temos também casos mais crônicos e que envolvem o vínculo ao próprio espaço, como pessoas que já alcançaram uma vida com autonomia fora da situação de rua, mas que se vêm com receio de abrir mão do maleiro para não perder o contato com o espaço. De maneira geral, os maleiros garantem que pessoas, que por qualquer motivo, estejam em situação de rua tenham seus pertences, seus documentos guardados de maneira segura.

Desafios Encontrados: A capacidade de maleiros que as Chapelarias comportam hoje são de 90 em cada espaço. Esse número está aquém das necessidades tanto dos territórios como, em números gerais, da cidade. Isso faz com que haja uma grande procura e uma grande fila de espera para a utilização desses maleiros. Além disso, a necessidade de utilização vem, normalmente, ligada à outras questões que não necessariamente os espaços tem condições ou a possibilidade de apresentar respostas satisfatórias. É o caso, por exemplo, da necessidade de acolhimento institucional.

Lições Aprendidas: Através dos maleiros, conseguimos criar vínculos e desenvolver trabalhos importantíssimos com as pessoas em situação de rua. Pessoas que necessitam dos maleiros precisam primeiramente de privacidade, por isso, os espaços precisam ter um limite de acesso e garantia de alguma privacidade. Em segundo lugar, o tempo de reorganização das pessoas é individual e não pode ser restritivo, pessoas podem se organizar e “sair da rua” em 2 dias, mas também em muito anos. Por fim, maleiros não substituem a necessidade de moradia, mas são formas de garantir que essas pessoas, que precisam buscar ajuda em diversos outros serviços, tenham tempo e tranquilidade de fazê-lo.

Contato: Luciana Carvalho | projetos@rederua.org.br

Site/Rede social: rederua.org.br

Refletindo sobre a experiência: o “Maleiro Social” é um serviço vital que oferece guarda segura e sem prazo predeterminado de pertences para pessoas em situação de rua, com foco em adultos, famílias e diversas identidades de gênero e sexualidade. O maleiro garante a segurança de documentos e itens pessoais, promovendo dignidade e servindo como um ponto de reorganização para os usuários. As lições aprendidas ressaltam a importância da privacidade, do respeito ao tempo individual de cada pessoa para sair da rua, e, fundamentalmente, que os maleiros, embora essenciais, não substituem a necessidade urgente de moradia digna, mas permitem que as pessoas busquem ajuda e se reorganizem com mais tranquilidade e segurança.

Instituto LAR - Levante, Ande e Recomece



Moradia

Localização:

Rio de Janeiro, município do estado do Rio de Janeiro.

Instituição Responsável:

Instituto LAR- Levante, Ande e Recomece

Público-Alvo: Adultos em situação de rua, atendidos prioritariamente no Centro do Rio de Janeiro, onde está localizada a sede do Instituto.

Tipo da experiência: Sociedade Civil

Objetivos: A experiência do Instituto LAR busca minimizar os efeitos da desigualdade social vivida por pessoas em situação de rua, por meio da oferta gratuita e contínua de atividades que promovam o cuidado integral, a dignidade, a autonomia e a reinserção social. A metodologia “Levante, Ande e Recomece” estrutura o atendimento em três eixos: acesso a necessidades básicas, desenvolvimento social e inclusão socioproductiva.

Atividades desenvolvidas: A atuação está dividida em três eixos:

- Eixo LEVANTE – Promoção e Defesa dos Direitos: O atendimento social inclui banhos, entrega de itens de higiene, roupas limpas e cortes de cabelo, além da oferta de alimentação em todas as atividades, com café da manhã, almoço e sobremesa ou lanche. No total, são servidas em média 300 refeições por semana, o que representa cerca de 1.200 refeições por mês.
- Eixo ANDE – Desenvolvimento Social: São realizadas oficinas de arteterapia, rodas de conversa e palestras informativas, além de cine debates, oficinas de música e passeios culturais.
- Eixo RECOMECE – Inclusão Socioproductiva: Entre as ações oferecidas estão a confecção de currículos, palestras sobre empregabilidade e preparação para entrevistas, rodas de conversa sobre o mundo do trabalho e a oferta de cursos rápidos no formato online para atualização profissional.
- Todas as atividades são planejadas para fortalecer vínculos, autoestima e ampliar as possibilidades de reinserção social.

Resultados Alcançados: Desde a sua fundação, o Instituto LAR já realizou 17.514 atendimentos em 1.666 atividades, sempre com o propósito de reduzir os impactos das desigualdades vividas pela população em situação de rua. Ao longo desse percurso, foram oferecidos 8.745 banhos, acompanhados da entrega de itens de higiene e roupas limpas, garantindo dignidade e cuidados básicos de saúde. Mais de 120 mil refeições foram servidas, entre lanches e refeições completas, em ações internas e externas. Centenas de pessoas tiveram acesso a atividades de cultura, arte e educação, como oficinas de arteterapia, rodas de conversa, cine debates e passeios culturais, sendo que mais de 30 desses passeios possibilitaram o exercício do direito à cidade. Também foram realizadas ações voltadas para a empregabilidade, incluindo confecção de currículos, preparação para entrevistas, oficinas de geração de renda e acesso a cursos online. Como resultado desse conjunto de iniciativas, mais de 130 pessoas conseguiram superar a situação de

rua. maleiros que as Chapelarias comportam hoje são de 90 em cada espaço. Esse número está aquém das necessidades tanto dos territórios como, em números gerais, da cidade. Isso faz com que haja uma grande procura e uma grande fila de espera para a utilização desses maleiros. Além disso, a necessidade de utilização vem, normalmente, ligada à outras questões que não necessariamente os espaços tem condições ou a possibilidade de apresentar respostas satisfatórias. É o caso, por exemplo, da necessidade de acolhimento institucional.

Desafios Encontrados: O cenário atual traz grandes desafios para a continuidade e expansão das ações. Há um aumento expressivo da demanda diante da limitação de recursos e de estrutura, somado às dificuldades de acesso a registros em conselhos e às políticas públicas de apoio. O estigma social ainda pesa fortemente, dificultando a empregabilidade das pessoas em situação de rua, que também enfrentam a escassez de oportunidades reais de geração de renda e de acesso à habitação. Além disso, os poucos recursos disponíveis tornam difícil a manutenção das atividades, e a falta de incentivo ao desenvolvimento de tecnologias sociais limita a criação de soluções capazes de minimizar os problemas enfrentados por essa população.

Lições Aprendidas: A experiência tem mostrado que a utilização de uma metodologia sistêmica, com indicadores de processo, resultado e impacto, faz toda a diferença quando se trata de enfrentar questões complexas, como é o caso da população em situação de rua. Nesse caminho, o fortalecimento dos vínculos e a escuta ativa têm se revelado fundamentais para o avanço da jornada de cada pessoa, sempre dentro de uma abordagem que prioriza o cuidado integral.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

A metodologia etapista adotada, “Levante, Ande e Recomece”, permite reconhecer diferentes perfis, respeitar o tempo individual de cada atendido e, com isso, gerar maior engajamento e evolução. A valorização da cultura e da arte também se mostrou estratégica, trazendo impactos positivos na autoestima e na saúde emocional.

Outro ponto essencial é a flexibilidade da equipe, que, a partir de uma escuta constante, consegue ajustar ações de acordo com as mudanças na realidade das ruas. Já a reinserção no mundo do trabalho, entendida como etapa crucial para a autonomia, depende de articulações com redes externas e políticas públicas, não pode ser realizada de forma isolada. Nesse processo, a inclusão econômica e social passa, necessariamente, pelo acesso a renda e/ou emprego, assim como a moradia, que pode ser alcançada de forma progressiva, mesmo quando o acesso pleno e imediato a esse direito não é possível.

Por fim, a implementação de uma gestão profissional e o investimento contínuo no desenvolvimento da equipe têm se mostrado caminhos que fortalecem os resultados e ampliam o impacto do trabalho realizado.

Contato: Ana Paula Rios - anapaulariosengenharia@gmail.com

Site/Rede social: Instagram: [@institutolar](https://www.instagram.com/institutolar) Site: <https://www.institutolar.org.br/>

Refletindo sobre a experiência: o **Instituto LAR – Levante, Ande e Recomece** é uma iniciativa da sociedade civil que busca minimizar os efeitos da desigualdade social para adultos em situação de rua, através de uma metodologia própria em três eixos: Levante (necessidades básicas e direitos), Ande (desenvolvimento social) e Recomece (inclusão socioproductiva). Apesar do expressivo aumento da demanda, da limitação de recursos, do estigma social e da escassez de oportunidades de habitação e renda, o Instituto aprendeu que uma metodologia sistêmica, o fortalecimento de vínculos e a escuta ativa são fundamentais. O projeto demonstra que a valorização da cultura e arte, a flexibilidade e o trabalho em rede são cruciais para a reinserção social e econômica, mesmo que a moradia possa ser acessada progressivamente.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Revista TRAÇOS



Moradia

Localização:

Brasília, Distrito Federal

Instituição Responsável:

Associação Traços de Comunicação e Cultura.

Público-Alvo: Adultos e idosos, podendo estar em situação de rua, acolhimento ou extrema vulnerabilidade financeira, sem distinção de credo, raça, orientação sexual, situação criminal, gênero ou qualquer outro fator segregatório.

Tipo da experiência: Sociedade Civil

Objetivos: O projeto Traços nasce e permanece, ainda hoje com a visão em alcançar pessoas que vivem em extrema vulnerabilidade social e financeira, com o objetivo de promover geração de renda e ganho de autonomia, oferecendo a oportunidade para que se desenvolvam da melhor forma possível, dentro de suas necessidades específicas.

A revista Traços se mantém viva e atuante por meio do treinamento de vendas realizado pela equipe Social e atendimento psicossocial especializado individualizado. E é com a venda de revistas que as pessoas atendidas pelo equipamento têm a capacidade de transformar a rotina em que estavam inseridas, e, financeiramente, proporcionarem a si e aos seus, condições de melhoria de vida e dignidade.

Atividades desenvolvidas: A atuação está dividida em três eixos:

Ao ingressar no projeto, o Porta-Voz recebe treinamento sobre o funcionamento da revista Traços, técnicas de vendas e abordagem de clientes. Em seguida, é inserido em uma rota de vendas específica, acompanhado nas duas primeiras visitas, com a entrega das 30 primeiras revistas gratuitas em etapas e uniforme de atuação. Após cerca de dois meses de participação constante, realiza-se o Planejamento Individual de Vida e Financeiro (PIA), com acompanhamento contínuo da equipe.

Nem todos se adaptam à rotina de vendas, que exige conhecimento do conteúdo da revista e habilidade no relacionamento com o cliente, e parte dos participantes pode migrar rapidamente para o mercado formal ou retornar a seus estados de origem. Para maximizar oportunidades, a equipe social utiliza um conjunto de ferramentas desenvolvidas ao longo da experiência com pessoas em situação de extrema vulnerabilidade, incluindo planejamento de vida, financeiro e de estudos, formulários de acompanhamento da autonomia, atendimento psicológico gratuito em parceria com UNICEUB e UDF, além de mentorias e a Jornada do Porta-Voz da Cultura.

A Associação Traços organiza encontros regulares e individualizados, focados no desenvolvimento pessoal, gestão financeira, capacitação profissional e inserção cultural. Essas ações buscam fortalecer a autonomia dos participantes, ampliar suas oportunidades no mercado de trabalho formal e promover a inclusão social, consolidando o compromisso do projeto com o empoderamento e a transformação social dos Porta-Vozes.

Resultados Alcançados: Mais de 600 Pessoas implementadas no projeto, 78 revistas publicadas em Brasília, + de 350 pessoas implementadas no mercado formal e informal, 100% dos atendidos vinculados ao SUS e SUAS, 100% passaram a custear a própria alimentação e manter ações de autocuidado, 15 prêmios internacionais e nacionais foram concedidos à Traços.

Desafios Encontrados: “Os desafios enfrentados no projeto da Revista Traços envolvem aspectos estruturais, operacionais e sociais, principalmente por se tratar de uma iniciativa que atua simultaneamente nas áreas de cultura, impacto social e economia criativa. Abaixo estão alguns dos principais desafios:

1. Sustentabilidade financeira:

Manter a operação da revista de forma contínua depende de recursos públicos e privados. A captação de patrocínios e o cumprimento dos prazos de repasse, especialmente em projetos incentivados por leis de fomento, é um desafio recorrente. Atrasos comprometem o fluxo de produção, distribuição e apoio aos beneficiários diretos.

2. Inclusão e acompanhamento social:

A atuação junto a pessoas em situação de vulnerabilidade exige uma estrutura de acompanhamento técnico e humano. Muitos beneficiários enfrentam realidades complexas como falta de moradia, dependência química ou rompimento de vínculos familiares. A reinserção por meio da geração de renda demanda um trabalho contínuo de escuta, apoio psicossocial e fortalecimento de vínculos.

3. Logística de distribuição:

A distribuição das revistas em pontos estratégicos da cidade e o acompanhamento das vendas realizadas pelos vendedores sociais requer uma gestão logística eficiente. Isso inclui transporte, controle de estoques e garantia de que o material chegue em tempo hábil e em boas condições.

4. Produção editorial independente:

Manter uma linha editorial qualificada, que valorize artistas e produtores culturais locais, demanda investimento em equipe, curadoria e planejamento editorial. Como mídia independente, o desafio está em equilibrar a qualidade do conteúdo com os recursos disponíveis, sem comprometer o propósito social e cultural do projeto.

5. Estigma social:

Há ainda barreiras relacionadas ao preconceito que parte da sociedade tem com pessoas em situação de vulnerabilidade. Isso pode afetar diretamente a receptividade da revista nas ruas e o engajamento do público, exigindo ações permanentes de sensibilização e educação.

6. Adaptação tecnológica e acessibilidade:

Ampliar o acesso ao conteúdo da revista por meio de plataformas digitais, e garantir a acessibilidade de parte do conteúdo (como as edições em Braille), também impõe desafios técnicos e financeiros, especialmente em um contexto de orçamento restrito.”

Lições Aprendidas: Trabalhar com pessoas em situação de vulnerabilidade exige mais do que oferecer oportunidades de geração de renda; é fundamental garantir acolhimento, escuta ativa e acompanhamento próximo, construindo relações de confiança ao longo do tempo. Nesse contexto, a cultura se mostra uma poderosa ferramenta de transformação, pois valorizar a produção artística local e difundir conteúdos culturais fortalece não apenas o setor criativo, mas também a autoestima e a dignidade dos beneficiários do projeto. A flexibilidade da equipe é outro ponto essencial, permitindo que as ações se mantenham mesmo diante de instabilidades econômicas, burocráticas ou atrasos de patrocínios. A transparência, por sua vez, fortalece a credibilidade institucional, sendo indispensável manter canais de diálogo abertos com órgãos públicos, parceiros e comunidade, além de relatórios detalhados e comunicação compreensível.

Entre os aspectos que funcionaram bem, destacam-se o modelo de distribuição que alia geração de renda e reinserção social, engajando os vendedores e gerando reconhecimento público; a curadoria editorial e a valorização da cultura local, oferecendo visibilidade a artistas muitas vezes ignorados pela grande mídia; e as parcerias institucionais e articulações em rede, fundamentais para a sustentabilidade e visibilidade do projeto. Por outro lado, há oportunidades de melhoria, como o aprimoramento do acompanhamento dos vendedores sociais por meio de ferramentas mais eficientes para monitoramento de metas, bem-estar e desenvolvimento individual; a ampliação dos canais digitais e da acessibilidade, para atingir novos públicos e fortalecer a democratização da cultura; e o fortalecimento do planejamento financeiro, criando estratégias para mitigar os efeitos de atrasos nos repasses e garantir mais segurança na execução do projeto ao longo do ano.

Contato: Juliana Valentim - julianavalentim@revistatracos.com

Site/Rede social: <https://tracosbrasil.com.br/>

Refletindo sobre a experiência: o “Jornal - O Trecheiro” é uma inspiração e um espalhador de boas práticas, reconhecido por abordar temas negligenciados e por sua importância como registro histórico e de memória da luta das organizações e dos movimentos da população de rua.

Destaca-se como uma iniciativa de comunicação da sociedade civil que há 34 anos atua para dar visibilidade à questão das pessoas em situação de rua. Seu principal objetivo é ser uma voz para a rua, informando gestores, academia, e o público em geral sobre a realidade dessa população, muitas vezes ausente ou distorcida na grande mídia. Apesar de não ter um sistema de avaliação formal, os retornos de redes e grupos indicam que o jornal cumpre seu papel de levar informações relevantes. No entanto, enfrenta desafios significativos como a participação ativa da própria população em situação de rua na produção, a dificuldade de financiamento e a necessidade de uma distribuição mais ampla e estruturada.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Jornal - O Trecheiro



Moradaia

Localização:

São Paulo, município do estado de São Paulo

Instituição Responsável:

Associação Rede Rua

Público-Alvo: O jornal tem como público-alvo gestores, academia, população em situação de rua e todos que alguma forma vem atuando para uma possível transformação dessa realidade de pessoas em situação de rua.

Tipo da experiência: Sociedade Civil

Objetivos: Possibilitar visibilidade à questão das pessoas em situação de rua

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Atividades desenvolvidas: Temos reuniões da equipe do jornal para definir as pautas do jornal. Essas pautas podem vir a partir de alguma denúncia, de propostas externas, de indicação do grupo de editorias ou de algo que está sendo debatido na mídia. Com a pauta fechada, marcamos uma data para receber o material (textos e fotos), logo passamos por uma revisão dos textos, sempre em diálogo com os autores, diagramação, revisão da diagramação, impressão. Logo que a diagramação é aprovada é feita a divulgação virtual e assim que chega a impressão é encaminhada para serviços, instituições cadastradas e grupos parceiros.

Resultados Alcançados: Atualmente, são 8 mil impressões do jornal. Não temos algo específico de avaliação do projeto. Os retornos nas redes ou nos grupos que atuamos é o que ainda nos auxilia em saber se está chegando as informações.

Desafios Encontrados: O jornal enfrenta alguns desafios importantes. Se manter no objetivo principal que é falar sobre a rua e com os atores dela. A participação de quem está em situação de rua é um dos grandes desafios. A questão do financiamento ou apoio financeiro ao jornal também tem sido bem difícil. A distribuição precisaria ser mais estruturada e ampla. Os mecanismos de avaliação ainda são um desafio.

Lições Aprendidas: A experiência do jornal é muito importante. Além de ser uma inspiração para vários projetos de comunicação da realidade de quem vive em situação de rua, é também um espalhador de boas práticas. Hoje, o jornal tem um reconhecimento de sua importância por trazer os temas que a grande mídia trata pouco e muitas vezes com uma visão equivocada. É também importante como registro da memória. O jornal completa este ano 34 anos de história. As suas edições estão no site à disposição de todos que desejam conhecer uma parte da luta das organizações e das próprias pessoas em situação de rua, incluindo os movimentos da população de rua.

Contato: Alderon Pereira da Costa - trecheiro@rederua.org.br / alderocosta@gmail.com

Site/Rede social: <https://www.rederua.org.br/trecheiro>

Refletindo sobre a experiência: o “Jornal - O Trecheiro” é uma inspiração e um espalhador de boas práticas, reconhecido por abordar temas negligenciados e por sua importância como registro histórico e de memória da luta das organizações e dos movimentos da população de rua.

Destaca-se como uma iniciativa de comunicação da sociedade civil que há 34 anos atua para dar visibilidade à questão das pessoas em situação de rua. Seu principal objetivo é ser uma voz para a rua, informando gestores, academia, e o público em geral sobre a realidade dessa população, muitas vezes ausente ou distorcida na grande mídia. Apesar de não ter um sistema de avaliação formal, os retornos de redes e grupos indicam que o jornal cumpre seu papel de levar informações relevantes. No entanto, enfrenta desafios significativos como a participação ativa da própria população em situação de rua na produção, a dificuldade de financiamento e a necessidade de uma distribuição mais ampla e estruturada.

◀ VOLTAR AO MENU

NAVEGAR

Espaço Normal



Moradia

Localização:

Rio de Janeiro. município do estado do Rio de Janeiro

Instituição Responsável:

Associação Redes de Desenvolvimento da Maré

Público-Alvo: Pessoas em situação de rua

Tipo da experiência: Sociedade Civil

Objetivos: Dar visibilidade ao Estado sobre as pessoas que vivem em situação de rua na Maré e no seu entorno, buscando presença dos equipamentos responsáveis por essa população e fortalecer e fazer incidência política para melhorar atendê-los, reafirmando o direito da população atendida.

Atividades desenvolvidas: O projeto desenvolve diversas frentes de atuação voltadas para pessoas em situação de rua e/ou com uso prejudicial de drogas e suas famílias. Na dimensão da convivência, são criadas alternativas que incluem escuta ampliada, atendimento compartilhado, acesso a direitos básicos como higiene, alimentação e descanso, oficinas artísticas e culturais, acesso a espaços de lazer e culturais na cidade, inclusão digital, além de fortalecimento da vinculação familiar e territorial.

Na articulação e incidência política, o projeto promove encontros semanais com instituições públicas que atendem a população, compartilhando cuidados e ampliando a rede de apoio e acesso a direitos. Atualmente, o projeto participa de diversos espaços de representação e discussão, como o Fórum de Drogas e Cuidado dos Moradores da Maré, o Fórum de Maternidade, o Fórum de Pessoas em Situação de Rua, o Conselho Municipal Antidrogas do Rio de Janeiro, o Fórum Estadual de Políticas Públicas sobre Drogas e a Plataforma Brasileira de Política de Drogas (PBPD). Além de participar, o projeto promove encontros entre instituições e equipamentos que atendem na Maré, por meio de reuniões semanais do ATENDA, dispositivo de atendimento integrado.

O protagonismo é outro eixo central da atuação, incentivando a apropriação e defesa de direitos pelas pessoas que convivem diariamente no espaço. Essa participação se dá em fóruns, conselhos temáticos, outras formas de organização e geração de renda. A metodologia de suporte entre pares se mostra uma ferramenta transformadora na vida de pessoas vulnerabilizadas em situação de rua e que utilizam drogas. No projeto “Elas em Cena”, as quartas-feiras são dedicadas à convivência entre mulheres, e a partir desse protagonismo, estratégias específicas de cuidado com perspectiva de gênero são desenvolvidas.

O projeto também atua na sensibilização e produção de conhecimento sobre práticas de redução de danos em contextos de violência. Isso inclui a sensibilização de moradores, profissionais e vizinhos, formações, cuidado territorial e compartilhado, além de ações de rua e intervenções em cenas de uso de crack e outras drogas na região.

Na pesquisa e formação, o projeto começou em 2015 com uma pesquisa na cena de uso da Flávia Farnese, que resultou no artigo “Meu nome não é cracudo” e deu início a uma série de ações e articulações que levaram o projeto até o Galpão Espaço Normal. Entre 2019 e 2022, o Espaço Normal foi parceiro da pesquisa “Construir Pontes”, e em 2023 iniciou uma pesquisa-ação sobre práticas de cuidado com perspectiva de gênero no projeto “Elas em Cena”.

Resultados Alcançados: O Espaço Normal é um espaço de convivência e redução de danos localizado na Maré, no Rio de Janeiro, idealizado e gerido pela Redes da Maré, organização da sociedade civil que atua há mais de 20 anos no Conjunto de Favelas da Maré. Inaugurado em 2018, o equipamento é fruto de um processo de reflexão e aproximação com a população em situação de rua e usuária de drogas na região da Maré e Avenida Brasil desde 2015. O projeto Espaço Normal está alinhado às políticas públicas nacionais para o atendimento e suporte à população em situação de rua e usuários de drogas, a partir da promoção de estratégias de redução de danos. Atuando desde 2015 na Maré, o projeto contribui diretamente para enfrentar as barreiras de acesso a direitos e serviços básicos enfrentadas por essas populações vulneráveis em contextos de violência armada e exclusão social. Atualmente, após 06 anos de atuação como equipamento, o Espaço Normal tornou-se um espaço de referência e de apoio para o conjunto da rede local de atenção e proteção para a população usuária de drogas e em situação de rua. É possível considerar a experiência do Espaço Normal como uma referência inovadora, oriunda da sociedade civil, para pensar práticas de cuidado integradas, articulação da rede e das políticas públicas para a população em situação de rua e pessoas que usam drogas em contextos de favela, violência armada e violações sistemáticas de direitos. O Espaço Normal vem desenvolvendo um trabalho robusto para mitigação da violência armada e outras violências no território, incluindo as pessoas em situação de rua e usuárias de drogas. O Espaço Normal é um equipamento que foi idealizado para promover acolhimento integral e contribuir para o fortalecimento da rede de cuidado - institucional e comunitária - para o enfrentamento às barreiras sistemáticas de acesso a direitos e às políticas públicas.

O Espaço Normal já acolheu em convivência cerca de 1600 pessoas, desde sua inauguração, sendo que diariamente, em média 140 frequentam a convivência atualmente.

Durante o período da convivência diária, além dos cuidados de baixa exigência, a mitigação da insegurança alimentar é feita a partir da oferta diária de café da manhã para 100 pessoas e 150 refeições na hora do almoço distribuídas no espaço de convivência, além de outras 100 que são entregues nas cenas de uso da Maré, como estratégia de potencializar a vinculação com o equipamento.

Atualmente, cerca de 220 pessoas estão vinculadas ao equipamento e frequentam assiduamente o serviço. Quanto ao gênero, quase 46% se declaram homem cis, 27,52% se declaram mulheres cis, 4% se declaram mulheres transgênero e 22% não informou. Importante destacar que, apesar da ampla maioria serem homens cis, o quantitativo de mulheres que frequentam o serviço vem crescendo diante da organização do espaço, que tem privilegiado em seu funcionamento, um dia dedicado às mulheres cis e transgênero, a partir da frente “Elas em cena”.

Desafios Encontrados: As pessoas em situação de rua seguem enfrentando barreiras sistemáticas para acessar os serviços públicos, apesar da Política Nacional (Decreto 7053/2009) prever a democratização desses direitos. Na Maré, o Espaço Normal tem atuado como ponte essencial, articulando fluxos de cuidado e incidindo politicamente diante de violações, como a negativa de atendimentos do SAMU em 2024 sob alegação de violência na área.

Constata-se ainda a ausência de políticas integradas no Rio de Janeiro para população em situação de rua e usuários de drogas, com serviços insuficientes e descontinuados – como o encerramento do Hotel Solidário Gentileza em 2021, que atendia 50 pessoas diariamente. A escassez de abrigos agrava a vulnerabilidade, sobretudo considerando que a Maré concentra o maior número de pessoas em cenas de uso de crack.

Outro desafio é o acesso à saúde mental. A região dispõe de apenas um CAPS AD (em Ramos), localizado a quilômetros de distância, o que dificulta o deslocamento. Nesse cenário, o Espaço Normal tem garantido apoio material, articulação com equipes e acolhimento em seu espaço, reduzindo barreiras de acesso.

Lições Aprendidas: A atuação do Espaço Normal evidenciou a importância de construir um **“lugar-ponte”** no território da Maré, capaz de articular o cuidado entre usuários e os serviços públicos de saúde e proteção social. Aprendemos que ser uma “porta de entrada” no território fortalece a integração entre diferentes atores e amplia o alcance das políticas públicas.

Outro aprendizado central foi a **“eficácia da metodologia de suporte entre pares”**. A presença de profissionais-pares mostrou-se fundamental para mediar relações, ampliar vínculos e criar confiança entre os usuários e os equipamentos públicos. Percebemos que quando as pessoas do próprio território são protagonistas desse processo, a adesão e a continuidade do cuidado se tornam mais efetivas.

A experiência da **“formação política em Redução de Danos”**, iniciada em 2024, revelou que a educação entre pares não só instrumentaliza os participantes de forma teórica e prática, como também fortalece o exercício da cidadania. Os agentes em formação ampliaram sua capacidade crítica, passaram a questionar barreiras de acesso e se engajaram ativamente na busca por direitos. Esse processo nos ensinou que o incentivo financeiro aliado à formação é uma estratégia potente para gerar inclusão, renda e corresponsabilidade.

Outro aprendizado foi a relevância de **“parcerias intersetoriais”**, como as estabelecidas com Fiocruz e a Secretaria Municipal de Saúde. Elas mostraram que a construção conjunta com instituições públicas amplia a legitimidade, fortalece metodologias e potencializa a incidência política no território.

Por fim, aprendemos que o suporte entre pares, quando aliado a uma **“perspectiva de gênero”**, como no projeto *“Elas em Cena”*, é uma ferramenta de transformação social. Essa abordagem não apenas cria práticas de cuidado mais sensíveis às especificidades das mulheres, mas também fortalece o protagonismo feminino e contribui para enfrentar desigualdades estruturais, como o racismo e o estigma nos serviços públicos.

Contato: Elivanda Canuto (vanda@redesdamare.org.br) e Rodrigo Pereira (rodrigopereira@redesdamare.org.br) / espaconormal@redesdamare.org.br

Site/Rede social: <https://www.redesdamare.org.br/br/info/71/espaco-normal>

Refletindo sobre a experiência: o Espaço Normal é uma iniciativa que se adapta, inova e resiste em um cenário adverso. Ele não apenas oferece alívio e esperança, mas também se torna uma voz potente que desafia as estruturas de exclusão, reafirmando que a dignidade e os direitos são inalienáveis, mesmo nos territórios mais invisibilizados da cidade. É um modelo a ser estudado e, acima de tudo, replicado, com o apoio e o reconhecimento que iniciativas tão cruciais como esta merecem por parte do poder público. Ele emerge como um farol de inovação e resiliência na complexa realidade das favelas cariocas, especialmente no enfrentamento das questões que envolvem a PSR e usuários de drogas. Sua principal fortaleza reside na sua capacidade de atuar como um verdadeiro “lugar-ponte”, onde o suporte entre pares é eficaz, a formação política empodera e as parcerias intersetoriais ampliam o alcance. A necessidade de uma perspectiva de gênero no cuidado é fundamental não se limitando a oferecer serviços pontuais, mas se consolidando como um ponto de referência e acolhimento integral. Ao integrar oficinas artísticas e culturais, inclusão digital, e o fortalecimento de vínculos familiares e territoriais, demonstra uma compreensão profunda da complexidade do cuidado. Iniciativas assim, buscam dar visibilidade ao Estado sobre a situação da PSR. Essa capacidade de atuar na ponta, oferecendo cuidado direto, ao mesmo tempo em que se engaja em movimentos de advocacy, é um diferencial notável. A formação política em Redução de Danos para os próprios usuários e a valorização do saber popular demonstram que o Espaço Normal não apenas assiste, mas empodera e instrumentaliza a PSR para que se tornem agentes de sua própria transformação e defensores de seus direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao folhear as páginas deste catálogo somos convidados a uma jornada inspiradora. Mais do que um compêndio de dados, ele se revela um mosaico vivo de experiências de cuidado integral com a PSR do nosso país.

Cada “trilha de cuidado” aqui mapeada — desde às previstas pelos princípios e diretrizes das políticas públicas até às iniciativas da sociedade civil — é um testemunho vibrante da incansável dedicação daqueles que se lançam ao desafio de redefinir o que significa cuidar de quem vive nas ruas. Percebemos a abrangência e a profundidade necessárias para tocar vidas em situação de tamanha vulnerabilização. Da semente de um banho quente e uma refeição digna que alimenta a esperança, à complexa teia da reinserção social, notamos que o cuidado integral é multifacetado e exige paixão e comprometimento.

É um grito coletivo pelo princípio da “Moradia Primeiro”, em cada iniciativa, a dignidade se reconstrói, a autonomia floresce e o olhar se humaniza, rompendo estigmas e construindo pontes.

Mas não nos iludamos: essas trilhas são íngremes e os desafios são imensos. O catálogo não esconde as feridas. Convivemos com a escassez de recursos, o estigma social que teima em marginalizar, ameaçar a continuidade de políticas públicas e a burocracia que sufoca a inovação são obstáculos persistentes, além da urgência de combater o racismo estrutural que se agrava para essa população em situação de rua.

Contudo, esta publicação é, acima de tudo, uma celebração da resiliência e do aprendizado. São experiências e iniciativas que falam de histórias de resgate e transformação que reverberam por todo o país. Cada lição aprendida, desde a importância da escuta ativa à necessidade de articulação intersetorial, da persistência contra o desinteresse até o valor da cocriação com a própria população, se torna um farol para o futuro.

Este catálogo não é um ponto final, mas um vibrante convite. Um chamado à ação para gestores, profissionais, sociedade civil, pesquisadores e cada cidadão. Que ele sirva como uma bússola para a formulação de políticas públicas mais equitativas, inspirando a continuidade e ampliação de programas e projetos que cuidam das pessoas em situação de vulnerabilidade social. Que as “trilhas de cuidado” aqui expostas inspirem novas jornadas, e que o reencontro com a dignidade seja uma realidade para todos, em cada canto do Brasil.

Que as sementes lançadas por essas iniciativas encontrem solo fértil na vontade política e na solidariedade coletiva. Que este tesouro de experiências seja um lembrete constante de que o cuidado integral é possível, é urgente e é a base para uma sociedade verdadeiramente equânime e mais humanizada.

Se você, assim como nós, acredita que cada experiência compartilhada é uma semente de transformação, e se a sua iniciativa também floresce no campo do cuidado integral à população em situação de rua, nós o convidamos a fazer parte desta teia de inspiração!

Seu trabalho é um elo vital nessa construção. Ele merece ser visto, reconhecido e replicado.

Compartilhe conosco a sua história, seus desafios superados, suas lições aprendidas e os resultados transformadores que você tem alcançado. Juntos, podemos expandir este mapeamento de soluções, iluminando ainda mais caminhos para a dignidade e a cidadania.

Venha compor as próximas páginas deste catálogo!

Envie-nos sua experiência e ajude-nos a tecer um futuro mais justo e acolhedor para todos. Contamos com você para enriquecer ainda mais esta jornada de impacto social. (inserir link)

Como coletamos essas informações para o nosso catálogo?

A metodologia foi bem direta e focada em quem realmente está fazendo a diferença no dia a dia. O coletivo Trilhas do Cuidado nas Ruas fez um convite direcionado para quem já tem experiência e coordena projetos com a PSR. As informações foram coletadas em um mapeamento das experiências por meio de um formulário eletrônico para trabalhadores da saúde, centros de pesquisa, lideranças e movimentos sociais que atuam junto a essa população e/ou tenham trajetória de rua. Portanto, tratou-se de uma pesquisa exploratória sobre as experiências de cuidado voltadas à PSR. O formulário foi enviado para 53 pessoas com o potencial de ser informantes-chave, com a orientação de repassarem para outros informantes, utilizando-se assim a metodologia de bola de neve.

Nesse formulário online foi solicitado tudo que fosse relevante sobre o projeto: nome, onde acontece, quem é o responsável, os objetivos, o que fazem na prática (as atividades desenvolvidas), o que conseguiram de resultado, os desafios encontrados e o que aprenderam com tudo isso. Tipo um raio-x completo da experiência!

Os participantes foram previamente informados acerca do uso das informações compartilhadas, deixando claro onde e como esse catálogo seria usado, o que motivou muita gente a participar: ser divulgado em formato digital (PDF ou site); ter uma versão online, ser apresentado em eventos e seminários (ou seja, ter um palco de verdade!). E a cereja do bolo: o lançamento seria num Seminário Internacional de PSR, em outubro de 2025, na Fiocruz Brasília. Isso deu um peso e uma credibilidade enorme pro trabalho de quem contribuiu. Em resumo, a metodologia foi a de um “chamamento estratégico”: identificar os atores-chave (coordenadores de projetos), engajá-los com uma visão clara do impacto e da visibilidade que teriam, solicitar informações detalhadas sobre suas práticas e oferecer suporte durante o processo.

A coleta estava em andamento desde abril de 2025. Até 02 de agosto de 2025, eles já tinham 25 respostas (respondentes). Dessas 25 respostas, 20 pessoas confirmaram conhecer alguma experiência, o que é um ótimo índice! E já deu pra ver que a diversidade é grande: 11 eram experiências públicas, 12 da sociedade civil, 2 eram relatos de pesquisa e 5 eram de Consultórios na Rua. A distribuição por setor mostra a complexidade e a intersetorialidade do tema: o maior volume em Saúde (9) e Assistência (8), mas também com participação da Justiça, Geração de Renda e Moradia . Isso confirma que o cuidado integral à PSR realmente passa por várias áreas! Então, esse convite não foi só um pedaço de papel; ele foi a ferramenta-chave para construir esse banco de dados riquíssimo, conectando quem faz a diferença na ponta com um projeto que busca dar voz e estrutura a essas iniciativas!

Se você se identifica com esse catálogo e quer contar a sua experiencia também é só acessar o link abaixo :

https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSf1bL3ChZ17_z0DKVMM_ooBtmMV-vMNyxjxfOZNqOcBluVZpaQ/viewform



Trilhas de Cuidado
nas Ruas

CATÁLOGO DE DIVULGAÇÃO

Experiências

de Cuidado Integral à População
em Situação de Rua

ipea Instituto de Pesquisa
Econômica Aplicada

 **FIOCRUZ**

SUS  **35**
ANOS

MINISTÉRIO DA
SAÚDE

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO